



**Sul de Minas nas telas: Poços de Caldas é destino para produções de filmes, novelas e séries . Pág. 6**

**O impacto no desenvolvimento de jovens talentos por serem negociados cada vez mais cedo . Pág. 14**

Ano 52 . Ed. 366 . Novembro de 2024 . Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo . Faculdade de Comunicação e Artes . PUC Minas

# **EXIGENTE DEMAIS PARA O MERCADO OU MERCADO DESPREPARADO PARA ELA?**



**Entenda por que a geração Z tem dificuldades com modelo tradicional de trabalho**



# Fim da escala 6x1: menos trabalho, mais vida?

*Entenda por que reduzir a jornada de trabalho pode ser o próximo grande passo para valorizar o bem-estar e a produtividade no Brasil*

Alice Sena . 2ºp

O fim da escala 6x1 é mais do que uma questão trabalhista; é uma questão de dignidade e respeito ao trabalhador. Como podemos, em pleno século 21, aceitar um modelo que suga as energias e compromete a saúde física e mental de milhares de brasileiros? Essa jornada de seis dias de trabalho para um único dia de descanso já mostrou seu caráter nocivo, e insistir nela é um retrocesso em direitos e avanços sociais.

Um descanso adequado é uma necessidade, não um privilégio. Estudos e práticas internacionais, como os realizados na Espanha e na Islândia, comprovam que jornadas mais equilibradas e períodos de descanso maiores não apenas resultaram em trabalhadores mais satisfeitos, mas também em ganhos de produtividade. É uma ilusão acreditar que uma escala 6x1 seja benéfica para o crescimento econômico do país, uma vez que, na verdade, aumenta as faltas no trabalho e os custos com saúde, além de sobrecarregar frequentemente as empresas com licenças médicas e alta rotatividade de funcionários esgotados e desmotivados.

O fim da escala 6x1, embora essencial para a valorização do trabalhador, pode gerar desafios significativos para pequenas empresas, que representam 99% dos negócios no Brasil e 30% do PIB nacional, segundo o Ministério

da Economia. Elas enfrentariam dificuldades financeiras para contratar mais funcionários. Para tentar mitigar essa problemática, é necessário adotar incentivos fiscais, como a redução de impostos para pequenas e médias empresas.

A mudança na jornada de trabalho, como está sendo proposta, não beneficia uma ampla parcela da população que trabalha na informalidade, realidade que atinge cerca de 39,4 milhões de brasileiros, segundo o IBGE. Para muitos, especialmente em pequenos negócios e trabalhos independentes, a flexibilização das jornadas e o respeito aos descansos ainda são direitos distantes, o que dificulta a aplicação de políticas mais humanas e modernas no país.

Alguns vão dizer que mudar para a escala 5x2 traria mais custos para as empresas; no entanto, a que preço mantemos essa suposta economia? Trabalhadores desgastados, enfraquecidos física e psicologicamente, pagam com sua saúde e qualidade de vida para sustentar um modelo que já não se sustenta. É hora de romper com essa lógica de exploração e pensar em uma estrutura de trabalho que coloca o bem-estar das pessoas no centro. Para um país que quer se modernizar e prosperar, adotar uma escala de trabalho mais justa e humana não é apenas sensato; é essencial.

## Uma terça-feira em dezembro...

Mariana Alves . 6ºp

Há uma rua sem saída, no centro da cidade, que por vezes fica tão cheia de gente que é impossível acessar. Não há nela qualquer coisa de especial — algumas lojas de departamento, um prédio residencial, um sebo com livros e vinis antigos e um restaurante que se aproveitou de um beco para criar uma estética misteriosa na entrada.

É terça-feira, e lembro de quando aquele corredor estreito dava em uma padaria.

Nada muito requintado, e muitas vezes tinha mais ecos entre as paredes do que pães nas prateleiras. As mesas eram antigas e limpas, mas bambas e geralmente faltava uma cadeira que alguém puxou para perto de algum dos assentos acolchoados.

Não lembro sobre o que minha mãe conversava com a moça do balcão, mas lembro da senhora que saía da cozinha a cada cinco minutos com cestas e bandejas prateadas, cheias de pães e coisas que nunca realmente me brilharam os olhos.

Às terças-feiras de dezembro, porém, as bandejas eram menores e carregavam pequenos bolinhos de alguma coisa que acabara de sair do forno. Dourados, e ela peneirava alguma coisa em cima — tinham um cheiro forte, quase enjoativo de tão doce, que se espalhava tão rápido pela padaria toda terça-feira, sem falta, e antes de a cidade realmente acordar para a vida.

Não sei o que era, mas eu poderia jurar que a fumaça tinha outra cor, saindo deles. Eram fantasmas com cheiro de canela que acenavam, me cumprimentando, e logo desapareciam entre os ecos das paredes e o tiquetaquear do velho relógio com desenhos de pães no lugar dos números.

Não sei qual foi a última terça-feira de dezembro em que peguei um daqueles bolinhos sobre o balcão, ou qual foi a última vez em que acenei para os fantasmas. Não sei quando o corredor passou a levar a outro lugar, ou o que terças-feiras significam agora.

Não sei o que é que me faz virar a esquina da rua sem saída, e muito menos o que me leva a seguir o chão de pedras do corredor estreito — que ainda tem as mesmas lascas de tempo e o mesmo número de pedras irregulares levando a uma nova porta de madeira.

É uma moça que me atende. Não tem bandejas prateadas, e tem coisa demais para ecoar qualquer outra.

Mas há fantasmas.

Essas coisas intocáveis que um dia existiram em terças-feiras de dezembro.

— Boa noite, senhor. Em que posso ajudar?

— Boa noite — cumprimento. Olho ao redor, vendo tudo o que não me é familiar: os quadros de bandas antigas, os vinis presos às paredes, os móveis tão bem distribuídos que nem mesmo a música nos alto falantes ecoa ao redor. Respiro fundo, e o lugar tem cheiro do que quer que estivesse grelhando na cozinha. — Tem alguma coisa com canela?

## Editorial

Enquanto o Brasil discute novas relações de trabalho, como a proposta sobre o fim da jornada 6 x 1, a 366ª edição do Jornal Marco ouviu a Geração Z para saber como os mais jovens tentam organizar a vida laboral em um cenário contemporâneo tão complexo.

A edição, produzida em sala de aula, oferece, ainda, olhares múltiplos sobre outros temas sociais de relevância humanitária. O trabalho dos estudantes se debruça em uma apuração corajosa que passa por várias editoriais e consegue oferecer uma seleção de pautas em sintonia com os debates contemporâneos.

Mostramos como a agricultura familiar em Poços de Caldas, nutre a cidade com alimentos frescos e sustentáveis, enquanto enfrenta dilemas como a falta de mão de obra e o afastamento das novas gerações. Na mesma sintonia de resistência, destacamos as congadas, um patrimônio que transforma a devoção em celebração e preserva séculos de história.

Vamos viajar pelos 150 anos da imigração italiana no Brasil, comemorados com a festa "Italia Per Sempre," que mantém vivas as tradições italo-brasileiras e reafirma os laços culturais entre as gerações. Também mergulhamos no universo vibrante do graffiti, que colore os muros das cidades e provoca reflexões sociais.

A Mostra Integrada de Artes (MIA) nos leva a redescobrir o poder criativo das periferias e a ressignificar a centralidade cultural. E as produções audiovisuais, como expressão de arte, também são destaque nesta edição. No sul de Minas, Poços de Caldas é cenário de grandes produções, incluindo a nova série da Turma da Mônica.

Também na região, em Andradas, o Pico do Gavião oferece mais do que esportes radicais: é um voo rumo à preservação ambiental e ao turismo sustentável.

Os automóveis clássicos e seus apaixonados movimentam encontros e eventos que conectam apreciadores de todas as idades.

Para quem busca renovar a relação com a alimentação, mergulhamos no universo do veganismo, que vai além do prato, e promove escolhas conscientes. Uma entrevista com a nutricionista Marcela Fernandes mostra como o veganismo é mais inclusivo e acessível do que se pensa.

Esses trabalhos, com a qualidade costumeira, continuam rendendo honrarias, como o Prêmio CDL, que reconheceu, mais uma vez, reportagens de estudantes da FCA.

Desejamos que esta edição inspire novos sonhos e reafirme o compromisso de cada um de nós com um jornalismo crítico, criativo e transformador. Um excelente fim de ano e, claro, uma leitura que ilumine as ideias. Até 2025!



EXPEDIENTE



PUC Minas

Jornal-laboratório da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas

**Edição nº 366**

Rua Dom José Gaspar, 500  
Coração Eucarístico  
CEP 30535-610  
Belo Horizonte . MG  
Tel: (31) 3319 4920  
Instagram: @jornalmarco  
E-mail: jornalmarcodrive@gmail.com

**SUCURSAL PUC SÃO GABRIEL**

Rua Walter Ianni, 255  
CEP 31980-110 . São Gabriel  
Belo Horizonte . MG  
(31) 3439 5210

**Diretora da Faculdade de Comunicação e Artes:**  
Profa. Adelina Martins

**Chefe de Departamento:**  
Profª Viviane Maia

**Colegiado do Curso de Jornalismo C. Eucarístico:**  
Profas. Viviane Maia e Iara Franco

**Colegiado do Curso de Jornalismo São Gabriel:**  
Profas. Getúlio Neuremberg e Adriana Ferreira

**Coordenadora de Jornalismo Campus Lourdes:**

Profª Luciana Fagundes

**Coordenadora de Jornalismo Poços de Caldas:**

Profª Cíntia Murta

**Editor Geral:**

Profº Getúlio Neuremberg

**Editores Gráficos e Projeto Gráfico:**

Profª Dulce Maria Albarez

**Editores Campus São Gabriel:**

Profª Fernanda N. Sanglard

**Monitores Coração Eucarístico:**

Ana Clara Torres

Bernardo Batista Alves

João Vitor Rangel

Lucas Parreiras

Maria Luiza Mendes

Mariele Ferreira

Matheus Naurath

Marina Saddi

Rayssa Moura

**Monitores São Gabriel:**

Mariana Brandão

João Augusto

Karenn Rodrigues

Danielly Camargos

Izabella Gomes S. Costa

Wallison Leandro de Gois



# Todos os caminhos levam à Rua da Bahia: encontros e encruzilhadas

Conheça as transformações da Rua, que se consagrou como um polo cultural belorizontino

Fábio Augusto . 39p  
Maria Carolina Luvizoto . 39p

Ao chegar na recém-fundada Belo Horizonte, o viajante encontrava uma cidade que ainda tentava firmar os pés. O caminho a ser percorrido era o mesmo para todos: descer na Praça da Estação e subir em direção ao encontro da Avenida Afonso Pena com a Rua da Bahia. Ali era o ponto onde todos pegavam seus bondes, que partiam para diversas regiões da cidade. Era também um lugar em que circulavam tanto intelectuais e políticos quanto trabalhadores braçais. Todos com a missão comum de tirar do papel o símbolo do progresso republicano, a cidade cujos traçados foram inspirados nos mais requintados padrões europeus. A antiga Cidade de Minas contava com um planejamento que definia que a urbanização se limitaria ao território circundado pela Avenida do Contorno. Esses quarteirões seriam delimitados por ruas que, no sentido Leste-Oeste, receberiam nomes de povos indígenas, enquanto no sentido Norte-Sul, os nomes seriam de Estados litorâneos do Brasil.

Uma dessas ruas que cortam o centro de norte a sul é

a Rua da Bahia. Sua localização era, e ainda é, estratégica. A rua ligava a principal porta de entrada da cidade na época – a estação de trem – ao centro administrativo – a Praça da Liberdade. Segundo o jornalista e pesquisador João Perdigão, “durante as primeiras três ou quatro décadas, a parte principal da cidade estava concentrada no entroncamento entre a Rua da Bahia e a Afonso Pena”. No fim do século XIX, um momento em que apenas a elite tinha acesso a relógios particulares, foi instalado o segundo relógio público de Belo Horizonte no entroncamento, a fim de organizar e orientar a vida urbana da capital projetada.

A localização da Bahia lhe conferiu uma enorme importância ao longo dos anos. Ela passou a concentrar diversos espaços de troca cultural e intelectual. Cinemas, museus, teatros, livrarias, cafés e bares. Segundo o pesquisador João Marcos Veiga, a rua era um espaço que ia além da sua função de servir apenas como passagem, as pessoas desfrutavam daquele espaço: “Era uma rua em que as pessoas caminhavam olhando as vitrines, trocando ideia na frente das livrarias, parando pra conversar, os músicos tocavam”. Além disso, era um es-

paço onde todos, sem distinção de raça, classe social ou gênero, circulavam. João Perdigão conta que, para se diferenciarem dos trabalhadores que frequentavam o Bar do Ponto, situado em frente ao ponto dos bondes, os ricos costumavam pedir a dose de cachaça na xícara de café, a fim de evitar serem vistos consumindo bebida alcoólica na rua.

Perdigão argumenta que a rua é a “artéria da cidade”. É nela que gerações de artistas e intelectuais se formaram. Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava nos cafés e livrarias dos anos 20, os integrantes do Clube da Esquina no Edifício Maletta e os MCs que duelam embaixo do viaduto Santa Tereza. Todos eles no palco comum que é a Rua da Bahia.

## Rua da Bahia hoje

A via, que foi tão importante para o desenvolvimento social e cultural de Belo Horizonte, sofreu muitas alterações com o decorrer do tempo. Com o avanço da urbanização, a especulação imobiliária fez com que antigos espaços de convivência e troca cultural se transformassem em prédios comerciais. São vários os exemplos de edificações que perderam com esse cenário, entre eles o antigo Cine Metrópole, um dos principais cinemas de Belo Horizonte, que foi demolido para dar lugar a um banco. A rua, que antes era tão frequentada por seu aspecto cultural, foi perdendo forças e se tornando apenas mais uma via comum para o tráfego de automóveis e pedestres. A virada de chave que fez com que a Rua da Bahia se tornasse atrativa novamente veio no ano de 2010, com a revitalização do Edifício Maletta. Segundo João Marcos Veiga, essa obra de revitalização foi de extrema importância para a volta da via como um polo cultural. O edifício, que antigamente contava com lojas ape-

nas no primeiro andar, recebeu restaurantes, bares e sebos no segundo andar, atraindo uma maior movimentação para a via e para o seu interior. Apesar da volta da Rua para esse cenário cultural, João alerta: “(...) a Rua da Bahia espelha a própria contradição da cidade”. Essa contradição pode estar ligada à grande pluralidade cultural que a via abriga. Exemplos claros dessas distinções culturais são as manifestações que ocorrem no Circuito da Liberdade, que possui vários edifícios tombados, e as manifestações que ocorrem no Viaduto Santa Tereza, onde as pessoas ocupam o espaço urbano. Enquanto no circuito se tem algo mais “elitizado”, como o acesso a museus, no viaduto a manifestação é mais popular, como é o caso da batalha de MC’s.

João comenta, ainda, que uma outra ação importante para a restauração do imaginário que foi construído na mente das pessoas foi o tombamento dos edifícios históricos que estão na Rua ou em seus arredores. Segundo o jornalista, essa realização faz com que as construções contem a história da cidade por meio da preservação, e por serem edifícios antigos e “diferentes”, eles acabam chamando a atenção dos pedestres. Ainda assim, o entrevistado problematiza acerca da ação do tombamento dos edifícios. João reitera que eles contam a história, porém, em certos momentos, essas construções podem ser excludentes a certos grupos sociais por constrangerem essas pessoas. Pessoas mais pobres olham para essas grandes edificações e de alguma forma não se sentem bem vindos ou pertencentes a esses espaços. Contudo, João alerta que, para mudar esse cenário da exclusão cultural de certos grupos sociais, ações educativas poderiam ser realizadas para apresentar à população a história do local que elas ocupam.

O projeto Corredor Cul-

tural, realizado pela turismóloga Bernadette Bittencourt, nos anos de 2007 e 2008, é um exemplo de projeto educacional que ajuda a contar a História da Rua da Bahia. A ação era realizada com estudantes da rede municipal de Belo Horizonte, tinha como principal objetivo percorrer a Rua da Bahia. O trajeto feito era realiza-

do da Praça da Estação até a Praça da Liberdade, passando por locais históricos da via. Segundo a turismóloga, esse projeto mostrou a importância de se preservar os edifícios, pois em grande parte são eles que ajudam na manutenção da história de Belo Horizonte, e assim democratizando o acesso a essas informações.



Monumento fixado na Rua da Bahia, que contém a frase célebre do poeta Rômulo Paes: “A minha vida é esta, subir Bahia e descer Floresta”

MARIA CAROLINA LUVIZOTO



Vista da escada do Museu da Moda para o cruzamento da Rua da Bahia com a Augusto de Lima



Sobrado localizado na Rua da Bahia que funcionou como sede da inspetoria da Guarda Civil de Belo Horizonte



ANA BEATRIZ MOTERANI



Nathália Teodoro e Arthur Jerônimo, grafiteiros de Poços de Caldas, revitalizam o muro do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC).

Ana Beatriz Moterani . 32p

Em Poços de Caldas, o grafite emerge como um símbolo de resistência e transformação. Cada obra de arte nas ruas altera a paisagem urbana, promovendo conexões e facilitando o acesso à arte para todos. Originário de práticas de resistência e reivindicação, o grafite é uma extensão da cultura de rua, onde artistas expressam suas vivências e reflexões por meio de murais. Para muitos, essa arte

representa um grito de visibilidade e uma plataforma para expressar questões sociais, políticas e identitárias. "O grafite é uma maneira de falar o que a gente sente, de dar propósito à vida através da cultura e trazer conhecimento", afirma Leonardo Henrique de Jesus, grafiteiro.

Além de embelezar as ruas, diversos grafiteiros da cidade atuam em projetos sociais, ensinando técnicas e incentivando o engajamento dos jovens com a prática

artística. Leonardo é um exemplo: ao longo do ano, ele desenvolve atividades em espaços públicos e escolas. "A experiência é sempre muito gratificante. Ter essa troca com crianças e adolescentes de diferentes idades e contextos sociais é enriquecedor. Através do grafite, mostramos que a arte pode dar vida aos desafios que enfrentamos. Mostramos a cultura para que possam criar sua identidade, incentivando o respeito, a humil-

# Arte e cultura urbana despertam consciência social em Poços de Caldas

*Grafite ganha espaço nas ruas e se destaca como expressão artística e cultural*

dade e a dedicação. É uma honra ser esse canal de conexão com eles", afirma.

Outro ponto relevante é o impacto turístico que o grafite pode gerar para a cidade. Em Poços de Caldas, por exemplo, algumas ruas e espaços públicos têm integrado murais em seus percursos, oferecendo uma experiência visual e cultural aos visitantes. Muitos turistas procuram fotografar as intervenções artísticas, o que torna esses locais ainda mais atrativos. Esse movimento impulsiona o turismo, aumenta a visibilidade dos artistas locais e incentiva a cena cultural na cidade.

Mas, apesar de tantos pontos positivos, o grafite encontra tanto admiração quanto

resistência. Existe, em alguns casos, preconceito em relação à arte urbana, especialmente por parte de pessoas menos familiarizadas com o movimento, que podem associá-lo ao vandalismo sem compreender seu valor artístico e cultural. Sérgio Xavier, conhecido como Gior, é artista visual e grafiteiro há mais de 15 anos. Venezuelano radicado em Poços de Caldas, ele ocupa o espaço urbano com cores, formas e mensagens que vão além da estética e provocam reflexão. "O grafite é, para mim, uma forma de expressão vital, algo que conecta histórias, pessoas e culturas em um estilo de vida que se desenrola nas ruas", explica.

A cena do grafite em Po-

ços de Caldas reflete a diversidade do movimento, que inclui a participação de mulheres, ampliando o diálogo sobre igualdade e representatividade na cultura urbana. Isabela Dbob, coordenadora de um projeto de uma ONG, ajuda crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. "O movimento do grafite, assim como outros, sempre foi predominantemente masculino. Ocupá-lo como mulher é um desafio constante. Além disso, o grafite tem se mostrado um meio de inclusão social, promovendo a arte como ferramenta de empoderamento e desenvolvimento pessoal. Acreditamos que a arte pode transformar vidas e conectar pessoas", destaca.

## A potência criativa que vem da periferia

*Mostra Integrada de Artes destaca diversidade artística ao valorizar expressões culturais que emergem das periferias e áreas rurais*

Biby Franco . 32p  
Júlia Jonas . 32p

A Mostra Integrada de Artes (MIA) nasceu em 2019, com a proposta de celebrar a diversidade cultural, artística e pluralidade de linguagens. Desde então, o evento ocupa diferentes pontos turísticos de Poços de Caldas, no Sul de Minas, e promove uma verdadeira festa das artes. A MIA busca ser um palco para artistas que, por meio de uma programação livre e autêntica, encontram no evento oportunidades para divulgar o trabalho. Além disso, a mostra valoriza espaços da cidade, criando laços entre a população e o município, com foco na inclusão, democracia e sustentabilidade. O evento promove uma nova percepção acerca da cartografia cultural, onde cada rua, esquina e praça se transformaram em centros de expressão artística. Distribuída em

diversos espaços públicos, a programação oferece gratuitamente à população atividades culturais, música, visualidades, performaces e literatura.

Há algumas semanas, em mais uma intervenção que explorou novas centralidades, redescobrimo o destino da arte no município, a 6ª edição da MIA inovou ao valorizar as periferias culturais com o tema "Outros Centros", dando destaque a espaços e vozes que, apesar de distantes dos holofotes convencionais, resistem e prosperam. "O tema foi escolhido como uma continuação da proposta de 2023, chamada de "Novos Centros", que evidenciou o que estava sendo produzido de novo e fortaleceu a conexão com a cidade. Este ano, "Outros Centros", veio para trazer à tona linguagens potentes e significativas, muitas vezes marginalizadas. Queríamos também valorizar a mineiridade, a cultura caipira e os festejos populares", explicou Chiara

Carvalho, uma das curadoras da MIA.

Com caráter coletivo e democrático, a MIA tem como objetivo dar visibilidade à arte que emerge tanto das periferias quanto da zona rural de Poços de Caldas, de forma moderna e diversificada. Artistas como a dupla de DJs Flame's, formada pelas irmãs Laisa e Tamara Tavares, de 24 anos. Elas encontraram no evento uma plataforma de expressão. "Poços é uma cidade padronizada, com eventos muito semelhantes. A MIA é o diferencial, trazendo oportunidades para artistas da diversidade. Para nós é super importante porque dá visibilidade a quem muitas vezes é invisível", relatou Laisa Tavares.

A edição realizada neste ano se destacou pelas reflexões a partir de uma perspectiva geográfica e cultural. "Uma vez, assisti a uma palestra da Conceição Evaristo, onde ela falou sobre as periferias culturais e como precisávamos re-

pensar o conceito de centralidade. Na geografia urbana, as periferias estão nas margens, mas, na cultura, ocupam lugares centrais, pois é de lá que surgem as questões mais pulsantes da arte", comentou Paulo Tothy, diretor de arte da MIA.

A Mostra contou com a participação de vários artistas locais e regionais, ofere-

cendo novas perspectivas sobre vivências e a geografia da cidade. As projeções na fachada das Thermas Antônio Carlos, um dos prédios históricos simbólicos e um dos momentos mais aguardados do evento, refletiram toda a diversidade da edição, consolidando a MIA como um espaço de celebração e resistên-

cia cultural. "Pensamos em uma programação gratuita de qualidade que impacte mais pessoas de uma maneira positiva, que fizesse com que elas olhassem para os espaços da cidade. Nós conseguimos trazer o que é feito nos grandes centros para a comunidade poços-caldense", afirma Chiara.



Projeção na fachada das Thermas Antônio Carlos reflete a ocupação descentralizada das artes durante a MIA na cidade de Poços de Caldas



# 150 anos da imigração italiana no Brasil são celebrados com festa

Aberta ao público, "Itália Per Sempre" relembra origens

Theo Trevisan . 32p

No dia 21 de fevereiro de 1874, 386 italianos desembarcaram no Brasil em busca de melhores condições de vida, marcando o início do maior fluxo migratório italiano no país, que se estendeu até meados de 1920. Hoje no Brasil há mais de 32 milhões de ítalo-descendentes e o legado da cultura italiana dos imigrantes continua vivo e forte em todo o país, de acordo com o Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro. A data, reconhecida oficialmente em 2008 pelo governo brasileiro

como o Dia do Imigrante Italiano, simboliza uma era de transformações, já que se estima que cerca de 25 milhões de brasileiros tenham raízes italianas.

Em Poços de Caldas, no Sul de Minas, o evento "Itália Per Sempre" celebra a cultura italiana há oito anos, e é organizado pelo Círculo Ítalo-Brasileiro do Sul de Minas, com apoio da Prefeitura. A festa inclui atividades culturais, como comidas e danças típicas, além de oficinas sobre o aprendizado da língua italiana e pesquisa genealógica. Entre as ferramentas apresentadas está o FamilySearch, um recurso valioso para quem

busca a origem de suas famílias, como explica o sociólogo e genealogista Daniel Taddone, membro do Conselho Geral dos Italianos do Exterior. "O FamilySearch foi fundado em 1999, como uma reorganização da Sociedade Genealógica de Utah para enfrentar os novos desafios da genealogia digital. Com a disponibilização de dados genealógicos pela internet, tornou-se a principal referência mundial. No Brasil, o FamilySearch é especialmente relevante, pois não há outra instituição semelhante no país", afirma Taddone.

A presidente do Círculo Ítalo-Brasileiro, Elaine Piva, destaca a missão da organi-



Festa "Itália Per Sempre" celebra a cultura italiana em Poços de Caldas, com atividades que homenageiam as tradições e a herança deixada pelos imigrantes.

zação em preservar a cultura italiana em Poços de Caldas. "O Círculo tem como objetivo incentivar a manutenção da cultura italiana na cidade, que conta com um grande número de descendentes. Em 2024, na oitava edição da festa, organizamos uma homenagem especial a algumas famílias para celebrar os 150 anos da imigração italiana no Brasil", conta.

Adriano Seguso, filho de imigrante italiano, compartilha a história de seu pai e as razões que o levaram a deixar a Itália. "Meu pai sempre foi inovador e aventureiro, e a cultura rígida da Itália, especialmente vindo de uma família de vidreiros com 700 anos

de tradição, era algo que ele via como limitador", explica Adriano. Mario Seguso, pai de Adriano, falecido em 2021, escreveu o livro Os Admiráveis Italianos de Poços de Caldas, onde relatou as histórias de famílias italianas que chegaram à cidade entre 1884 e 1915.

Com o olhar de hoje, é possível perceber como esses imigrantes não apenas transformaram o Brasil, mas também foram transformados por ele.

Chegaram cheios de expectativas, encontrando aqui uma terra onde havia muito a ser construído. Segundo Adriano, seu pai costumava dizer que a verdadeira união da Itália aconteceu no Brasil.

"Ele sempre falava que, aqui, calabreses casaram com vênnetos, enquanto lá na Itália havia discriminação entre regiões. Aqui no Brasil, todos se ajudaram", relembra.

Em 2024, diversas cidades brasileiras celebraram os 150 anos da imigração italiana com eventos culturais e homenagens. Em São Paulo, por exemplo, monumentos foram iluminados com as cores da bandeira italiana, e o Consulado-Geral da Itália promoveu uma série de atividades ao longo do ano, incluindo exposições, seminários e mostras cinematográficas, destacando a influência italiana na cultura brasileira.

## Congadas são patrimônio cultural de Poços de Caldas

Tradição secular afro-brasileira mantém viva a história do povo negro na cidade

Gabriela Aparecida . 32p

As congadas, celebrações carregadas de simbologia, expressas em vestimentas, danças e coreografias, representam conquistas e resistência do povo negro por meio da cultura. Em Poços de Caldas, essa tradição chegou vinda da cidade sul-mineira de Machado, por volta do século XIX. "Foi construída a capela de São Benedito, no antigo cemitério no Campo Santo do João Sabino. E ali foram realizadas as primeiras festas, surgindo o primeiro terno de Congo, o de São Benedito", relembra Ailton Santana, descendente das primeiras famílias poços-caldenses de congos.

A comemoração de São Benedito em Poços de Caldas ocorre entre 1º de maio, Dia do Trabalhador, e 13 de maio, data da Abolição da Escravatura, trazendo alegria e festividades à cidade. Um dos rituais preservados é a retirada dos caiapós do mato, que simboliza o acolhimento de negros fugitivos. "Quando houve a abolição dos

escravos, foi necessário comunicar aos indígenas o fim da escravidão, daí o ritual da retirada dos caiapós", comenta Ailton Santana, reforçando a ligação histórica e simbólica entre esses grupos.

Entre os líderes da tradição dos Ternos de Congo na cidade está Claudinei Crispim, que participa dos ternos desde os 11 anos de idade e, atualmente, é piloto do Terno de Congo de Nossa Senhora da Saúde. Ele explica que as congadas têm uma estrutura organizacional em que cada membro desempenha um papel específico. O cargo de capitão ou capitã é o mais importante, enquanto o piloto auxilia nas músicas e instrumentos. "As músicas da congada são passadas de geração em geração, e quase todos os ternos cantam as mesmas músicas".

A preservação das congadas em Poços de Caldas levou, em 2003, à criação da Associação dos Ternos de Congo, que busca assegurar direitos e incentivos culturais por meio de políticas públicas.



O sincretismo entre o catolicismo e as religiões africanas se manifesta intensamente na devoção a São Benedito

Eduarda Carimba, presidente da Associação, atua como principal representante dos grupos. "O objetivo é ter uma representação única dos congados para facilitar o diálogo com a prefeitura e a Secretaria de Cultura, além de melhorar a comunicação entre os grupos", destaca.

Desde a criação da Associação, as congadas ganharam maior visibilidade, com participações em eventos fora da cidade, como o WTM Latin America, maior evento de turismo da América Latina, realizado em São Paulo em 2022. No ano passado, o dia 5 de outubro foi oficialmente estabelecido como o Dia do Congo em Poços de Caldas, reforçando o reconhecimento dessa tradição.

Recentemente, a produção cultural sobre as congadas ganhou força com o documentário Firmamento, dirigido por Dani Alvisi, no mês de novembro. O documentário retrata a Festa de São Benedito, focando a preparação dos Mestres Mãe Divina, Mãe

Lurdinha e Thiago de Paula Pereira para as saídas e festejos das congadas de São Gerônimo e Santa Bárbara, Nossa Senhora da Saúde e Nossa Senhora do Carmo, respectivamente. A produção oferece uma visão dos rituais e da espiritualidade presentes na preparação da festa de São Benedito, que é vista como um momento de orgulho e comprometimento com a herança cultural, combinando elementos contemporâneos com raízes históricas.

Mais do que uma devoção religiosa, a congada em Poços de Caldas representa uma expressão de ancestralidade e resistência, construída ao longo de séculos por uma população que enfrentou desafios e superou adversidades. A memória, transmitida de geração em geração, é essencial para a continuidade dos ternos de Congo. "Porque um povo não vive sem a sua história. E a história de São Benedito é a história de Poços de Caldas", conclui Ailton Santana.





Palace Hotel se transforma no "Limoeiro Palace Hotel" para as gravações da série Turma da Mônica - Origens (2024)

# Poços de Caldas se transforma em cenário de produções audiovisuais

*Pontos turísticos da cidade atraem produtores de novelas, filmes e séries nacionais*

Isadora Carvalho . 3ºp

A cidade de Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais, mais uma vez assume o papel de "Bairro do Limoeiro" das histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa.

Com o lançamento da série Turma da Mônica – Origens, em outubro, o município se destaca por seus cenários encantadores. A escolha da cidade como locação partiu do próprio autor e desenhista, uma vez que Poços já foi cenário para os filmes Turma da Mônica: Laços (2019), Turma da Mônica: Lições (2021)

e também para a série da Turma da Mônica (2022).

Entre os locais icônicos utilizados nas gravações está o Palace Hotel, uma construção da década de 1930, famosa pela arquitetura clássica e conservação, que já serviu de cenário para várias produções audiovisuais. Segundo o gerente geral do hotel, José Omar Brandão, há uma preparação para adaptar o espaço e conciliar o funcionamento com as gravações. "A equipe de filmagem entra em contato com bastante antecedência, às vezes um ano antes, e nos informam quais são as necessidades estruturais.

Eles detalham o que precisarão no espaço e quais áreas serão filmadas. Como o hotel está em funcionamento, é necessário bloquear algumas áreas. Por exemplo, a entrada do restaurante foi usada várias vezes, o que exigiu adaptações. A equipe técnica da Turma da Mônica foi grande e ocupou um andar inteiro do hotel por 40 dias", comenta.

Além dessas produções, Poços de Caldas já foi cenário para novelas como: O Profeta (2006), Alto Astral (2014) e Além da Ilusão (2022). Pontos turísticos, como o Cristo Redentor, as Thermas Antônio Carlos, o Véu das Noivas, a

Praça Pedro Sanches e o Parque Municipal Antônio Molinari, compõem o catálogo de locações cinematográficas e televisivas que destacam a beleza e o charme da cidade.

Com parques e jardins bem cuidados, arquitetura preservada e localização privilegiada em meio à natureza, Poços de Caldas oferece uma estética harmoniosa para filmagens. Marcelo Leme, roteirista e diretor, acredita que a cidade tem o poder de se reinventar sem perder sua beleza. "O município é turístico, sempre foi e soube se reinventar – seja pelas águas termais, pelos antigos cassinos ou pela

época das luas de mel. Hoje, com o turismo rural, de aventura e até culinário, a cidade continua atraente. Poços é naturalmente bela e inspiradora para uma boa fotografia. Se você pode fotografar, pode filmar também", afirma.

O setor audiovisual gera um grande impacto socioeconômico e cultural, valorizando a cultura local e atraindo turistas. Adinan Nogueira, professor do curso de Publicidade e Propaganda da PUC Minas Poços de Caldas, explica que a exposição da cidade nas telas desperta interesse e atrai visitantes. "Em todos os casos de locais que aparecem

em filmes ou novelas, o impacto é publicitário e muito relevante. As pessoas querem saber onde é e acabam visitando o lugar, o que desencadeia um aumento de consumo local", assegura.

Para Cláudia Camillo, jornalista, as produções gravadas na cidade trazem benefícios econômicos, culturais e turísticos. "Essas produções foram essenciais para dinamizar a economia local e fortalecer a imagem de Poços como um importante polo cultural. A cidade oferece qualidade de vida, belos cenários e estrutura para receber todo tipo de visitante", analisa.

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



Imagens do filme Turma da Mônica - Lições



# Refúgio dos apreciadores de automóveis clássicos

*Poços de Caldas se destaca como palco de encontros, eventos e histórias que mantêm viva a paixão por carros antigos*

Poços de Caldas, no Sul de Minas, é um dos principais destinos para os amantes de carros antigos no Brasil. Com diversos colecionadores e entusiastas, a cidade abriga clubes como o Clube do Fusca e o Clube do Carro Antigo, responsáveis por organizar eventos de relevância nacional. Todo primeiro domingo do mês, ocorre uma tradicional exposição de automóveis clássicos, onde os proprietários trocam experiências e dicas. Esse encontro mensal, que persiste até hoje, deu origem à rica cultura automobilística do município.

A paixão pelos carros clássicos é reflexo de uma cidade marcada pelo turismo e pela proximidade com grandes centros como São Paulo e Campinas.

A influência também vem de histórias familiares, como a de João Maurício Carvalho Guimarães, professor e diretor do Clube do Fusca Poços. "O amor pelo fusca é algo inexplicável. Há um gatilho para esse amor, no meu caso, era o carro da minha mãe que eu ia para a escola e aprendi a dirigir. Esse carro está com a

gente até hoje", conta.

Essa dedicação exige esforço por parte dos entusiastas, que se empenham em promover eventos, conhecer outros colecionadores e cuidar de seus veículos, tanto na estética quanto na mecânica. Demis Tarcísio Castilho, colecionador local, mantém uma impressionante coleção de trinta automóveis.

"Eu mesmo faço a manutenção da maioria deles. Dá trabalho, mas a gente gosta. Hoje em dia é difícil encontrar alguém que entenda desses carros. Eu estudo bastante, tenho livros e vou aprendendo para mantê-los em bom estado" explica.

A infraestrutura da cidade e a proximidade com municípios de diversos estados, em especial, São Paulo, contribui para que seja destaque nacional no cenário dos carros antigos. O mais representativo evento do setor é o Poços Classic Car que reúne centenas de veículos clássicos em exposições abertas ao público. Além dos carros, o evento oferece atrações como shows musicais, praça de alimentação e o "Mercado de Pulgas", onde são comercializadas peças e acessórios



Fotos mostram exemplares da coleção de 30 carros de Demis Tarcísio Castilho (abaixo)



RENAN PACETTI



antigos. O evento é realizado uma vez ao ano, geralmente no mês de agosto. Essas iniciativas fortalecem a cultura dos automóveis clássicos na cidade e atraem visitantes de todo o país. "Poços de Caldas tem praças maravilhosas, com árvores, sombra e muitos hotéis. Além disso, a proximidade com São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, regiões com grande quantidade de carros clássicos, favorece a realização de eventos diferenciados", afirma Demis.

O amor pelos automóveis clássicos atravessa gerações. A história de André Martins de Assis exemplifica essa ligação familiar e emocional com os veículos. Dono de um Fusca 1300, ano 1979, ele afirma que o carro é parte da famí-

lia. "Esse fusca foi comprado zero pela minha tia. Depois, meu pai ficou com ele nos anos 90, mas acabou vendendo. Anos depois, começamos a ver o carro circulando perto de casa. Um dia, o encontramos em um estacionamento,

descobrimos quem era o dono e compramos de volta. Hoje, ele está na nossa garagem, restaurado, e é uma parte da nossa história. Tenho fotos de infância no mesmo carro, junto com meus avós", relembra.



RENAN PACETTI



# Cerrado: a joia brasileira ameaçada

*Desmatamento, queimadas e a perda da biodiversidade são marcas da destruição do segundo maior bioma do Brasil*



Vista de Belo Horizonte pelo Parque da Serra do Curral, com traços de mineradora desativada

Renato Henrique Ribeiro . 49p

O Cerrado brasileiro, ocupando cerca de 22% do território nacional (2.036.448 km<sup>2</sup>), é o bioma mais biodiverso do mundo, abrigando 5% das espécies globais de animais e plantas. Apesar disso, nunca recebeu a mesma atenção que a Amazônia. Essencial para o fornecimento de água limpa na região metropolitana de Belo Horizonte, o bioma perdeu cerca de metade de sua vegetação nativa devido à expansão agropecuária e urbana desde o século XX.

Uma pesquisa publicada na Scientific Reports em fevereiro de 2024 alerta para uma perda

projetada de 26,5 milhões de hectares de vegetação até 2050 e 30,6 milhões até 2070. Segundo o geógrafo William Gister, o Cerrado surgiu há 60 milhões de anos, no Cretáceo, e sofre com urbanização desordenada, rodovias, hidrelétricas e mineradoras, além de incêndios provocados por ações humanas.

## Espécies invasoras

O Cerrado enfrenta uma grave invasão biológica, com 36 espécies de plantas e 49 de animais exóticos, afetando desde árvores até insetos. Alguns exemplos perigosos para esse ecossistema são as espécies de ervas que são as responsáveis por fazer o Brasil se destacar na pecuária mundial como um dos

maiores produtores e exportadores de carne bovina e outros produtos agropecuários, e que contribuem para propagar os incêndios com mais facilidade. Elas são conhecidas como espécies invasoras.

Uma consulta pública, realizada pelo Instituto Brasília Ambiental (Ibram), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e Ministério do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas (MMA), registrou espécies invasoras do Cerrado (36 da flora e 49 de fauna).

A bióloga Dra Veralucia Mendes afirma que um dos animais invasores mais preocupantes para saúde pública é o caramujo africano. Ele chegou

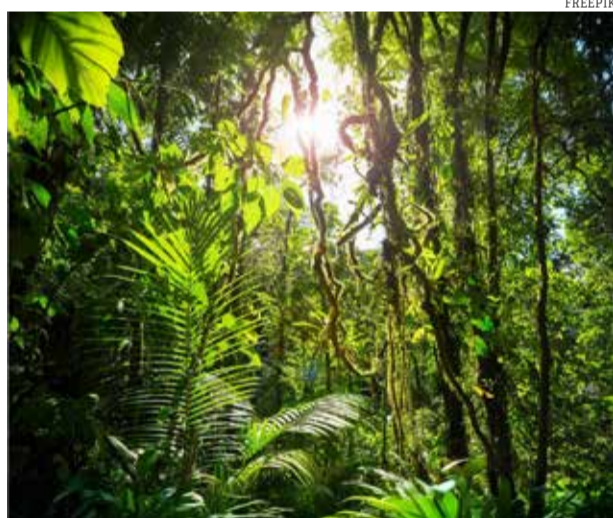
provavelmente junto com o capim meloso ou colômbio e hoje é uma praga que vem sendo tema de saúde pública na região metropolitana de Belo Horizonte. As cidades de Betim, São Joaquim de Bicas e até Divinópolis, na época de chuva, enfrentam uma infestação desse molusco que transmite doenças como a meningite eosinofílica e a esrongiloidiase, que podem levar à cegueira e até à morte.

## Ameaças urbanas

O Cerrado, coração verde da capital mineira, enfrenta uma grave ameaça devido à expansão urbana desenfreada e à crescente demanda por recursos naturais na região metropolitana de Belo Horizonte.

A área de transição onde o Cerrado e a Mata Atlântica se encontram abriga uma biodiversidade única e desempenha um papel vital na regulação das reservas hídricas da região metropolitana, absorvendo e liberando a água lentamente para rios e aquíferos. Entretanto, a exploração mineral, especialmente de ferro e manganês, os desastres de Brumadinho e Mariana e os incêndios florestais, causados por ação humana, têm devastado extensas áreas de vegetação nativa. Esses fatores, somados à poluição dos rios e à introdução de espécies exóticas, comprometem a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos, como explica o geógrafo William Gister.

O profissional acrescenta que, para garantir a segurança hídrica e a qualidade de vida da população da região metropolitana é essencial adotar medidas de conservação, a restauração de áreas degradadas, a promoção de práticas agrícolas sustentáveis e a educação ambiental. A contribuição da sociedade pode se dar por meio de práticas de consumo responsável ou pelo apoio a iniciativas de conservação. Ele alerta que apenas com a colaboração entre governos e sociedade será possível proteger este ecossistema insubstituível que, por milhões de anos, resistiu às mudanças naturais, mas agora se depara com uma ameaça inédita provocada pelo ser humano.



FREEPIK

COP30 em Belém destaca o papel do Brasil visando amenizar a crise climática

Júlia Castro Silva de Assis

Em um cenário de eventos climáticos extremos provocados pelo aumento de 1,1°C na temperatura terrestre (IPCC), o Brasil se prepara para ser o anfitrião da COP30, conferência internacional sobre mudanças climáticas, marcada para 2025 em Belém, no Pará. O evento reunirá líderes, especialistas e representantes de diversos setores para discutir e negociar medidas de preservação ambiental e revisar o Acordo de Paris.

A escolha de Belém como sede da COP30 tem um simbolismo único. Pela primeira

vez, a Amazônia será o cenário de discussões sobre sua própria preservação.

“Vamos discutir a importância da Amazônia dentro da Amazônia. Vamos discutir a questão indígena, vendo os indígenas. Vamos discutir a questão dos povos ribeirinhos, vendo como eles vivem.” Presidente Lula (PT)

A realização do evento em território brasileiro destaca o protagonismo do país em questões ambientais, mas também expõe contradições e desafios que precisam ser enfrentados para consolidar uma liderança climática coerente. Enquanto a Amazônia, que abriga cerca de 60% da floresta tropical remanescente

## COP30: Brasil se prepara para sediar conferência climática no coração da Amazônia

*Encontro acontecerá em Belém, no segundo semestre de 2025, e poderá reforçar o papel de liderança do Brasil nas negociações sobre mudanças climáticas e sustentabilidade global*

no mundo, desempenha um papel fundamental na regulação climática global, também é alvo de pressões econômicas como o desmatamento e a exploração de recursos naturais. Em entrevista para o Jornal Marco, Guilherme Tampieri, especialista em cidades e em gestão ambiental e doutorando em Relações Internacionais (PUC-MG) com foco em políticas climáticas, pontua que: “Não dá para dizer que a liderança climática é explorar petróleo na foz do Amazonas, com todos os riscos para a fauna, para as pessoas e para a saúde ambiental da região [...] O Brasil pode sim se consolidar como uma grande liderança na busca pela

justiça climática, desde que siga uma rota de fato sustentável, que tenha como objetivo resguardar a dignidade da pessoa humana no que diz respeito à agenda climática”.

Espera-se o envolvimento de novos atores no debate climático, fazendo da COP30 um espaço para destacar a diversidade de vozes no Brasil, com a inclusão de comunidades indígenas, quilombolas, jovens e moradores das periferias, dentre outros. Essas pessoas vivem diretamente os impactos da crise climática.

“O Brasil tem a chance de mostrar ao mundo que há novos atores que precisam participar das discussões desse regime internacional de mu-

danças climáticas”, pontua o Guilherme. Para ele, a pluralidade é essencial para construir soluções climáticas que contemplem as diferentes realidades do Brasil e do mundo.

Movimentos já defendem a criação de uma “COP das Crianças”, além de maior equidade nas delegações brasileiras, conforme solicitado pela deputada Duda Salabert (PDT). A liderança do evento também deve simbolizar essa diversidade. Há expectativa de que a presidência da COP30 seja ocupada por alguém com forte ligação à pauta ambiental, como as ministras Sônia Guajajara e Marina Silva, que estiveram presentes na COP29.

### O que é a COP?

A Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, ou COP (Conference of the Parties, em inglês), é um evento anual que reúne representantes de mais de 190 países, além de cientistas, ONGs, líderes empresariais e ativistas ambientais. Desde sua criação, em 1995, a COP busca acordos para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e o aumento da temperatura terrestre, impulsionar energias renováveis e promover a adaptação aos impactos das mudanças climáticas, reafirmando o compromisso com o desenvolvimento sustentável. Com um dos maiores territórios do mundo e uma vasta diversidade ambiental, o Brasil desempenha um papel de extrema importância nas COPs.



FREEPIK



O uso excessivo de telas prejudica o desenvolvimento infantil

Vitor Silveira

Com a expansão da tecnologia, o tema divide opiniões de especialistas, educadores e pais. Recursos como aplicativos educativos e jogos interativos já integram o dia a dia das escolas, mas sua influência no desenvolvimento infantil ainda gera debates.

### Benefícios da tecnologia no aprendizado infantil

Para a pedagoga Ioná Gonçalves, mãe de duas filhas de gerações distintas (14 e 24 anos), os benefícios da tecnologia são evidentes, desde que usados com moderação. "Sofreu mudanças na pandemia, que foi um caos para alunos, profissionais da educação e pais tiveram que aprender na marra, foi muito desafiador. Che-

gou chegando, e pra ficar. Daqui em diante é se adaptar, buscar mais conhecimento e reciclar sempre. Tudo que é novo, diferente, causa ansiedade, medo, insegurança, mas traz novas oportunidades, conhecimentos, desenvolvimentos, desenvolvimento de novas habilidades. Um aprendizado mais prazeroso".

A tecnologia possibilita habilidades como pensamento crítico e resolução de problemas. O estudo "Tecnologia e Educação" (Santos et al., 2023) destaca que ela torna o ensino mais interativo e promove autonomia. A neuropediatra Susana Satuf Rezende reforça: "A partir do momento que a gente consegue fazer busca em sites adequados, o aluno tem mais acesso às informações, (...). Tem essa vantagem, como uma coisa boa". Susana defende incluir programação

# Os impactos do mal uso de aparelhos eletrônicos no ensino infantil

Avanços tecnológicos podem beneficiar o desenvolvimento infantil, mas o uso excessivo de telas traz riscos

básica no ensino, pois estimula o raciocínio lógico.

### Desigualdade e preparo docente

A desigualdade no acesso à tecnologia é uma barreira importante, especialmente em escolas públicas. Segundo Santos et al. (2023), muitos professores sentem falta de infraestrutura e formação para aplicar ferramentas digitais de forma eficaz. Ioná avalia que as escolas têm integração limitada e desorganizada: "Na minha opinião, infelizmente existem mais perdas do que ganhos. Mas é claro que não podemos negar que a quantidade e qualidade de recursos atuais é incomparável com os utilizados antigamente na sala de aula".

Ela sugere projetos práti-

cos e palestras para conscientizar sobre o uso responsável, envolvendo alunos, pais e a comunidade escolar.

### Efeitos negativos e riscos do uso excessivo

O uso prolongado de telas preocupa especialistas. Susana alerta que isso pode prejudicar o desenvolvimento cerebral infantil: "Quando a gente fica muito em tela e a gente não tem um brincar adequado da criança, acaba alterando também a capacidade motora, tanto fina quanto grosseira. Pode ter alteração no padrão de sono, porque sabemos que a exposição ao tipo de luz do celular altera a liberação de melatonina (hormônio que prepara o corpo para dormir) e isso tudo vai causar um impacto".

O tempo excessivo de tela pode interferir na dopamina, impactar o sono e aumentar ansiedade. "O uso de tecnologia em excesso pode trazer impacto muito semelhante algumas vezes a um transtorno de déficit de atenção e uma hiperatividade, mas que não seria um TDAH tradicional, porque ele acaba sendo causado pelo excesso das telas. Então sim, a gente tem correlação entre a tecnologia e a falta de concentração", acrescenta.

Além disso, pais frequentemente subestimam o tempo que os filhos passam nos dispositivos: "É comum os pais chegarem e falarem que o filho usa ali, sei lá, uma hora por dia, mas ao verificar no celular o tempo de uso é maior que 6 horas".

### Equilíbrio no uso da tecnologia

Para que a tecnologia contribua para o aprendizado, é essencial usá-la de forma complementar, sem substituir métodos tradicionais. "A criança e o adolescente muito estimulados pela tela, muitas vezes vai perder essa coisa de estudar né!? Esse afimco pra estudo, ela quer a resposta ali, rápida, ela planeja e executa menos a ação do estudo e acaba estando menos disponível ao estudo e mais disponível à tela. Por exemplo, ao invés de ler um livro e fazer a sua própria interpretação, buscam aí resumos e videoaulas e acham que isso é suficiente pro aprendizado daquela literatura", reforça Susana.

Ela recomenda restrição de até uma hora por dia para crianças até cinco anos, com aumento gradual e supervisão. Ioná observa diferenças no foco de suas filhas e acredita que os "nativos digitais" têm mais perdas do que ganhos no aprendizado.

Embora promissora, a tecnologia na educação infantil precisa de equilíbrio com interações humanas e brincadeiras. Assim, é possível aproveitar os avanços tecnológicos sem comprometer o desenvolvimento cognitivo e emocional.

# "THE LAST OF US II" divide comunidade ao abordar pautas sociais progressistas na narrativa do jogo

Parte do público criticou a representatividade de minorias, enquanto outros fãs valorizaram a escolha

Vinícius Moura . 2ºp

A personagem principal de "The Last of Us Part II" é Ellie, uma mulher lésbica. O assunto é desenvolvido de forma natural durante a trama do jogo. Mas o que parece ser uma simples característica da protagonista gerou críticas por parte de muitos fãs da franquia. O preconceito levou muitos jogadores a considerar o lançamento como injogável.

O segundo jogo de uma franquia se apresenta em um cenário pós-apocalíptico, em que há milhares de pessoas transformadas em zumbis após uma pandemia global. A protago-

nista Ellie, que é controlada pelo jogador, é uma jovem que cresceu em meio a esse caos epidêmico.

O jogo também apresenta outras pautas consideradas polêmicas por alguns grupos, como pessoas transsexuais, a participação feminina em cargos de liderança e questões relacionadas ao aquecimento global.

Em meio a esse contexto, uma parte da comunidade gamer ficou furiosa com as pautas que o jogo aborda, dizendo que isso não fazia sentido, que não dava valor narrativo ou até mesmo que desincentiva os jogadores a ficarem imersivos dentro da sua história. O argumento dado pelos gamers que são contra o uso

dessas pautas é a alegada limitação da narrativa e a chamada "forçação de barra" das empresas multimilionárias e desenvolvedoras de jogos. Os críticos citam a agenda "woke", que representaria metas que cada empresa deve seguir para que esteja de acordo com o "politicamente correto". A maioria dos jogadores que pensa assim possui uma linha de raciocínio mais conservadora, vinda de um estilo de vida mais tradicional, em que os jogos não têm uma grande representação de minorias políticas e os personagens que representam minorias são sempre estereotipados e limitados.

Os comentários negativos vêm muito das redes sociais,

principalmente de plataformas em que o foco é dar a opinião e nota sobre jogos, como o metacritic, onde "The Last of Us Part II" tem nota 9,3 dos críticos e 5,8 dos usuários, reforçando o ponto de que apenas uma parcela das pessoas que jogam esse jogo se sente ofendida ou desorientada pelos temas.

Vários jogadores de "The Last of Us" discordam da postura crítica que muitos fãs adotaram. Bianca Fernandes (26) diz que não entende de onde vem tanto ódio: "TLOU não é um jogo gay, trans, nem hétero top. É incrível, violento, pesado e emocional, com uma história fantástica e personagens inesquecíveis. Em nenhum momento se discute pautas de costu-



Videogames são fonte de lazer para mulheres.

O termo woke vem do inglês e é um trocadilho com a palavra wake, que significa acordar. É usado no sentido de despertar para a realidade. O termo se tornou cada vez mais popular no meio político liberal ou de esquerda que defendem movimentos progressistas, como o movimento feminista, anti-racista e LGBTQIAPN+. É usado de forma pejorativa por extremistas para atacar avanços sociais nos debates sobre essas pautas.

me ou 'lacrção', apenas demonstra o que já vemos no nosso dia a dia". Karine (21) concorda com a opinião de Bianca: "Acredito que os jogos começam a retratar os grupos minoritários mais fielmente e isso é importante, tanto no sentido de representar grupos historicamente marginalizados, como também de trazer uma ambientação mais próxima da realidade, onde lidamos diariamente com pessoas de todos os tipos. O que gera toda discussão e polêmica é o fato de algumas pessoas serem preconceituosas

a ponto de se revoltarem com isso e expressarem seu descontentamento na web. Na realidade, as pessoas têm as mais diversas formas, por que isso não pode ser representado em um jogo? É triste".

De certa forma, podemos concluir que, as pautas denominadas "woke" por uma parte da comunidade, são exageradas, visto que, esses assuntos são algo que está exposto na nossa vida diariamente e não poderia ser diferente de um jogo que tenta imitar o mundo em um futuro apocalíptico.

VINÍCIUS MOURA





Espaços de Coworking são utilizadas por trabalhadores que buscam flexibilidade e conforto no regime home office, segundo a gerente do 'Lagoa Coworking', Rafaela Prado

# CONFLITOS INTERGERACIONAIS: Geração Z enfrenta dificuldades no mercado de trabalho

*Pesquisas apontam que jovens estão mais exigentes no momento da escolha profissional*

Beatriz Torres - 3º p  
Hannah Andrade - 3º p  
Millena Alves - 3º p

Líderes do mercado de trabalho têm enfrentado desafios para interagir com a Geração Z, indivíduos nascidos entre 1997 e 2012. O Relatório de Tendência de Gestão de Pessoas 2024, elaborado pelo Ecosistema GPTW e Great People,

revelou que, entre os entrevistados, 68% identificaram a GenZ como a que apresenta mais dificuldades para a gestão. Em contrapartida, a juventude tem buscado propostas de trabalhos mais flexíveis considerando a diversidade e a saúde mental como prioridade na escolha das vagas de emprego.

## Conflito entre gerações

O gerente de loja Alisson dos Reis, 39, avalia que os jovens nasceram em uma era digital, e isso trouxe muitas possibilidades. No entanto, a falta de compromisso, proatividade e fidelidade são empecilhos para o mercado de trabalho. "Se você a frustrar [a Geração Z], ela vai pensar que não precisa disso, que é melhor rodar de Uber, trabalhar com a internet (...) marketing digital". Apesar disso, ele afirma que os jovens também possuem qualidades: "[a Geração Z] pensa que tudo vai dar certo e se arrisca mais, é mais corajosa". Mesmo com os desafios citados, Alisson conta que lida bem com seus funcionários mais novos e que, para isso, costu-

ma mantê-los não só ocupados, mas também interessados no que fazem.

Daniela Diniz, diretora de conteúdo e RI da Great People & GPTW, explica que o conflito entre gerações sempre aconteceu. "Toda geração que entra causa um desconforto. E um traço disso é porque a gente está falando de jovem. Isso vai acontecer sempre".

A diretora também aponta que nem sempre o problema está na empresa ou no líder: "Será que o problema não está na pessoa que não sabe exatamente o que ela quer nesse mundo? (...) É preciso que o profissional, independente da geração, faça uma autoanálise e reflita sobre si mesmo".

Lina Nakata, doutora e pesquisadora na FIA Business School, Mackenzie e ESEG, acrescentou que a diferença da Geração Z, ao contrário das gerações passadas, está no compromisso com os ideais. "A Geração Z desiste de um cargo bem para sua saúde mental", enfatizou ela, que também é palestrante em gestão de pessoas, diversidade e liderança.



O gerente Alisson dos Reis acredita que falta mais compromisso por parte dos jovens da GenZ

## Diversidade e Saúde Mental

Na Geração Z, a diversidade é crucial para o sentimento de pertencimento, pois 71% priorizam ambientes que valorizem a inclusão, conforme relatório da Thought Exchange. Esse fator gera conforto e engajamento, segundo Daniela.

Em relação à saúde mental, que é outro ponto central para a satisfação dessa geração, o relatório da Fruitful Insights indica que 77% dos jovens estão propensos a deixar o emprego por dificuldades emocionais. Diniz afirma que é importante introduzir essa temática na cultura da empresa e treinar as lideranças para, além de abordar esse assunto que antes era ignorado, identificar colaboradores que estão deprimidos, ou à beira de um burnout, por exemplo. "É preciso fazer uma ges-

tão mais flexível e humanizada (...) desconstruir essa ideia de que você está lidando só com um funcionário". Ela também aponta uma série de medidas que podem ser tomadas por parte da organização, como contratar mais psicólogos, criar um canal de terapia, apresentar palestras de conscientização e oferecer planos de saúde.

## Jornada de trabalho

Alguns jovens buscam flexibilidade e autonomia, mas há também aqueles que optam pela estabilidade e segurança.

A vendedora Helena Gaspar, 19, que trabalha no regime CLT, enfrenta exaustão pela carga horária intensa, mas valoriza a segurança do emprego fixo. Ela tenta equilibrar trabalho e bem-estar, mesmo com desafios para sua saúde mental. A empreendedora Blenda Oliveira, 23, destaca sua

busca por autonomia e desafios como precificação e resistência à inovação entre gerações mais velhas. Apesar dos desafios, a empresária não abre mão do que conquistou e incentiva os jovens a estudarem mais e se dedicarem aos seus sonhos.

Em ambos os casos, conciliar bem-estar e o desenvolvimento profissional é uma meta comum, sempre analisada pela GenZ no mercado de trabalho. Além disso, para que as objeções da geração passada e atual sejam alcançadas, é necessário mudar a mentalidade das pessoas que já estão na organização. Para Daniela Diniz, o caminho passa pelo acolhimento: "Entender que são jovens entrando em contextos diferentes e abraçar essas pessoas na melhor das possibilidades. Estar próximo deles, ouvi-los, integrá-los na estratégia da empresa".



MILLENA ALVES

Os colaboradores do Lagoa Coworking têm a possibilidade de alugar salas individuais ou coletivas com preços acessíveis, de acordo com a gerente do local



HANNAH ANDRADE

Blenda Oliveira é uma das muitas jovens que preferem trabalhos mais flexíveis, como o home office



# Entre gerações e cultura mineira: mercado municipal oferece passeio pela história

*Comidas típicas e artesanato regional atraem turistas e geram empregos em Poços de Caldas*

Júlia Jonas . 3º p

O Mercado Municipal de Poços de Caldas é um ambiente muito frequentado pelos moradores da cidade e um dos pontos turísticos mais procurados pelos visitantes. Diariamente, pessoas de diversos lugares passam pelo espaço comercial em busca da variedade de produtos típicos de Minas Gerais oferecidos em 193 boxes internos e 54 boxes externos.

Os visitantes têm a oportunidade de explorar a cultura regional por meio de alimentos artesanais, artigos naturais e peças de artesanato, que representam a identidade cultural da cidade e da região. “Muitos dos produtos oferecidos aqui vêm de outras cidades do sul do estado, mas a maioria é de Poços de Caldas

mesmo, o que colabora muito com o desenvolvimento dessa área. Essas mercadorias, junto com os programas e eventos realizados no próprio mercado, ajudam a contar um pouco da história e da cultura local. Isso atrai mais turistas e gera empregos”, conta o comerciante Luciano Lisboa, proprietário de uma loja de artesanatos.

No setor de alimentos, a procura por itens populares da culinária mineira é intensa. “Os produtos mais desejados pelos turistas são queijos, doces e vinhos. Os moradores locais também compram muito, mas quem vem de fora, principalmente de outros estados, costuma ser quem mais demonstra interesse para experimentar de tudo. A maioria dos clientes chega aqui já sabendo o que quer, pois dizem que ouviram

falar muito sobre o sabor e a qualidade dos produtos”, relata a vendedora Emily dos Santos Cândido.

Diariamente, os corredores do mercado ficam lotados de gente em busca de iguarias regionais. “Sempre que eu e minha família estamos em Poços, passamos aqui no mercado. Gostamos muito do ambiente e do que encontramos, principalmente os temperos e os queijos, que são bem mineiros e que apreciamos muito”, declara Fabiana Gambetta, de Itapira, São Paulo. “No meu caso, gosto de tudo o que é natural. Sempre opto por verduras, frutas, vegetais e legumes, pois sinto que esses produtos aqui são bem melhores do que em outros lugares”, afirma Luciana Gambetta, irmã de Fabiana.

O Mercado Municipal é mais do que um espaço de

compras ou uma área turística: é um ambiente de valorização da cultura mineira e poços-caldense. Frequentemente, torna-se um palco para eventos culturais e abriga a principal feira ao ar livre da

cidade. “Quando se expõe o que é local, isso valoriza muito a nossa história. Além disso, quando as pessoas compram produtos artesanais, feitos por gente daqui, em vez de produtos industrializados, isso ajuda muito quem trabalha com isso; mantém o emprego de muita gente”, aponta Máisa Vieira, comerciante.

O Mercadão, como é popularmente conhecido, reflete o diálogo entre gerações, preservando o trabalho artesanal e a cultura mineira por meio dos produtos típicos e do ambiente familiar. Para os moradores de Poços de Caldas, o mercado é um local onde tradição e rotina cotidiana se encontram: ao mesmo

tempo que os produtos tradicionais, também oferecem uma experiência de convivência. O espaço acolhe as novas demandas e gostos de seus visitantes, como o interesse por alimentos naturais e o desejo por experiências autênticas. É um lugar onde a história local se mantém viva, sendo passada de geração em geração, seja na compra de produtos frescos ou na simples tradição de comer um pastel enquanto se passeia. “Venho aqui há anos e sempre gostei de comprar hortifrúti, mas também de comer um bom e velho pastel para equilibrar”, relata Milene Martins, poços-caldense e frequentadora assídua do mercado.

JÚLIA JONAS



Corredores do Mercado Municipal oferecem diversidade em produtos artesanais



MARIA ANTÔNIA VIEIRA

Feira livre de Poços de Caldas



MARIA ANTÔNIA VIEIRA

Kayo Chang (à esquerda) e sua filha Sophia Chang (à direita) trabalham juntas na feira livre de Poços de Caldas, no Sul de Minas

Maria Antônia Vieira . 3º p

O cenário agrícola de Poços de Caldas, segundo o extensionista rural da EMATER

– Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, Aparicido Venâncio Martins, é dominado por grandes fazendas, que ocupam 95% das terras,

## Com raízes firmes, agricultura familiar abastece cidades e enfrenta desafios

*Segmento lida com a escassez de mão de obra e o desinteresse das novas gerações*

enquanto apenas 5% do território é dedicado à agricultura familiar. Essa disparidade resalta os desafios enfrentados pelos pequenos agricultores que, apesar de representarem uma minoria territorial, são essenciais para o abastecimento da cidade.

Para Marluci Aparecida Carvalho e o marido, Edir José Carvalho, a agricultura familiar é o sustento da família. Moradores de Caldas, localizada a 30 km de Poços, o casal cultiva verduras e hortaliças em um pequeno sítio próprio e, desde 2006, vende a produção na feira. “A gente tem um sítio pequeno que é nosso; não somos assalariados, então esse é o nosso ganha-pão, o nosso meio de vida”, afirma Marluci.

Com décadas de vida dedicadas ao campo, Marluci se preocupa com o futuro das feiras, temendo que a falta de

interesse das novas gerações e a escassez de mão de obra coloquem em risco a continuidade dessa tradição. “É sacrificado trabalhar assim, os mais novos não têm muito interesse. Eu vejo isso pelos meus filhos; tem um que já foi embora trabalhar na cidade. Eu acho que em um futuro próximo pode vir a não ter mais esse tipo de feira”, acrescenta.

Sophia Chang das Neves, de 19 anos, é filha de agricultores e cresceu acompanhando a mãe nas feiras de Poços de Caldas. Embora reconheça a importância desse trabalho para o sustento familiar, sente que seu futuro está fora do campo. “Eu quero trabalhar com outras coisas, não quero trabalhar com verdura. Eu cresci nisso, mas eu não me vejo nisso. Eu gosto muito de moda. Agora estou fazendo curso de corte e costura e pretendo trabalhar com isso”,

comenta.

A história de Sophia ilustra o dilema enfrentado por muitos jovens filhos de agricultores familiares: a pressão entre continuar a tradição da família e a vontade de se encontrar em outros campos profissionais. A jovem é a terceira geração da família. Sua mãe, Kayo Chang, é marcada pelas raízes no campo. Tudo começou quando, nos anos 1980, a família Chang migrou da China para o Brasil em busca de novas oportunidades. Em Poços de Caldas, o avô de Kayo abriu uma pastelaria próxima ao mercado municipal da cidade, onde a família trabalhou. Com o dinheiro economizado, o pai de Kayo comprou um pequeno terreno e, desde então, tira o sustento da família.

Kayo Chang trabalha com produção e venda desses produtos há mais de trinta anos

e destaca o valor do trabalho que sustenta sua família. “Agricultura familiar significa a gente poder comer daquilo que a gente produz e, ao mesmo tempo, oferecer um produto com qualidade para as pessoas, com menos agrotóxicos. Mas uma coisa que está em falta são trabalhadores nesse setor; está muito difícil”, comenta.

A agricultura familiar em Poços de Caldas é mais do que uma atividade econômica: é através dela que muitas famílias tiram seu sustento. Essa prática agrícola alimenta os moradores que frequentam as feiras e ainda garante refeições nutritivas, servidas nas escolas que compram esses produtos. Esse modelo agrícola, mesmo enfrentando desafios, permanece essencial para a segurança alimentar e o bem-estar de diversos lares no município.



# Como nasce uma “REBECA ANDRADE”?

*O grande desempenho da ginástica artística nos Jogos Olímpicos de Paris despertou o interesse nacional pelo esporte, mas o caminho para formação dos atletas envolve uma série de desafios*

Pedro Almeida . 32p

O sucesso de Rebeca Andrade nos Jogos Olímpicos de Paris foi um marco para a ginástica artística brasileira. O Brasil, comumente chamado de “País do Futebol”, viu outro esporte como protagonista, a ponto de encantar crianças e jovens e despertar o sonho de existirem mais atletas dessa modalidade no cenário competitivo.

Todo o processo de formação desses esportistas se inicia desde a infância. Muitos meninos e meninas começam a treinar em centros, clubes e outros diversos lugares espalhados no país. Segundo a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), uma mine-

radora anunciou apoio aos 29 centros de treinamento existentes no país, os Centros de Excelência Loterias Caixa. Além das parcerias entre poder público e empresas, existem os centros de treinamento e clubes particulares.

O treinador de ginástica do CT Amigos do Esporte, Lucas Lennon, afirma que a força de vontade é uma das principais características necessárias para ser um bom atleta nesse esporte, e que esse seria o maior diferencial na vida profissional de um competidor. Para muitas crianças e adolescentes, o esporte se torna um trabalho formal. Em muitas ocasiões, eles têm que abrir mão de compromissos pessoais e outros assun-

tos para se dedicarem totalmente. O técnico lembra que é preciso estar disposto a abrir mão de algumas coisas, por melhor que seja o atleta.

A estrutura dos clubes e centros de treinamento é outro ponto fundamental para o desenvolvimento dos ginastas. Muitos equipamentos e um espaço bem amplo são necessários para as performances e coreografias mais básicas, tanto no masculino quanto no feminino. Os principais, como as argolas, barras fixas e mesa de salto são constantemente avaliados pelo treinador e comissão técnica e possuem uma manutenção constante para garantir o alto rendimento e segurança. Um exemplo disso, no Minas Tê-



O CT Amigos de Esporte realiza os sonhos das pequenas ginastas

nis Clube, é dado pelo atleta Gustavo Miguel Ramos Pereira, conhecido como Tavinho.

O ginasta treina no clube desde sua infância e adolescência, tendo participado de muitas competições importantes, como os jogos Pan-Americanos sediados na Colômbia, em 2021, na categoria juvenil. Sem o apoio, todo o seu preparo e rendimento estariam comprometidos.

Tavinho afirma que a vitória da equipe brasileira nos jogos é algo que vai abrir muitas possibilidades para o esporte e que a visibilidade conquistada na mídia é um incentivo para aqueles que desejam se tornar atletas da

modalidade.

O apoio psicológico também é fundamental para que a pressão e autocobrança não tomem conta. A membro da comissão técnica do CT Amigos do Esporte, Júlia Carmo, explica que, principalmente após as competições, o atleta fica muito nervoso e a tensão também é alta no período de preparação. A profissional valoriza a importância do acompanhamento da saúde mental por profissionais, além da presença de um aconselhador, já que em muitos casos é necessário saber lidar com a frustração e a quebra de expectativas desses atletas.

A falta de um exemplo

claro na vida e incentivo nas grandes mídias foram, por muito tempo, obstáculos enfrentados por diversas meninas e meninos que sonhavam com esta profissão. Daiane dos Santos, Flávia Saraiva, Daniele Hypólito, Jade Barbosa, Arthur Zanetti, Diego Hypólito, Francisco Barretto, Caio Souza e Sérgio Sasaki, dentre tantos outros ginastas, estão entre os vencedores que, mesmo diante de tantas dificuldades, continuaram firmes em seus caminhos e se tornaram o que são hoje: as joias da ginástica artística brasileira, que inspiraram e vão continuar inspirando o nascimento de muitas “Rebecas Andrade”.

FREEPIK



Leonardo Martini . 89p

No Brasil e em diversas partes do mundo, o futebol feminino tem se mostrado um forte instrumento de inclusão social. Mesmo com o investimento recorde da CBF nas premiações, que destinou R\$ 25 milhões para o Brasileirão Feminino de 2024, muitas mulheres e meninas precisam superar barreiras culturais e sociais ao encontrar no futebol um espaço de expressão e de pertencimento.

## Futebol Feminino: inclusão social, desafios e contrastes de infraestrutura

*Desigualdade e falta de investimento limitam o impacto social do futebol feminino no Brasil*

Segundo uma pesquisa realizada pela Sponsorlink, o interesse pelo futebol feminino no Brasil cresceu em 34% nos últimos cinco anos. Apesar do aumento no investimento e no interesse pelo esporte, a pesquisa também indicou que apenas 6% das mulheres brasileiras praticam o futebol.

A reportagem entrevistou uma jogadora de futebol em atividade que preferiu não revelar o seu nome – evidenciando os receios que muitas atletas enfrentam no cenário do futebol. Ela já está no terceiro grande clube do futebol brasileiro e será chamada de Aline (nome fictício). Outra entrevistada é a ex-atleta Laura Magleau, que usou o futebol para seguir outro caminho. Ela cursou Ciência do Esporte, o equivalente à Educação Física, nos Estados Unidos, pela Louisiana Christian University, onde atuou como

meia-atacante e foi campeã da Red River Conference.

### Dificuldades e disparidades de carreira

A diferença de remuneração entre o futebol feminino e masculino continua gritante. A maioria das jogadoras não consegue contar com salários que garantam estabilidade, o que as leva a precisar de outros empregos para se sustentar. As poucas atletas que têm a oportunidade de viver exclusivamente do esporte ainda enfrentam instabilidade financeira, contratos com baixa remuneração e uma enorme incerteza quanto à continuidade de suas carreiras.

Aline, apesar de atuar por grandes equipes do futebol brasileiro, afirma que está longe de ter uma vida de luxo: “Em um ano, eu ganho menos do que um jogador da mes-

ma equipe que eu ganha em um mês. Muitas meninas ganham menos até do que jogadores que nem sequer chegam no profissional”.

Aline também relata que, nas três equipes por onde passou, a diferença de investimento era gigante: “Eram duas equipes diferentes, o futebol feminino e o masculino nunca tiveram diálogo. Não tem contato nenhum. Eu joguei no meu time do coração, cheio de ídolos lá e eu quase nunca os via, porque não tem diálogo”. Nos Estados Unidos, Laura viveu uma realidade completamente diferente: “A estrutura era igual. O que tinha para o masculino, tinha para o feminino. Mesmo campo, academia, vestiário com a mesma estrutura e equipamentos. Nosso calendário de jogos era igual, então para viagens a organização também era igual”.

### Infraestrutura: Diferenças Profundas

No Brasil, os clubes de futebol feminino muitas vezes têm que compartilhar campos com equipes amadoras, mesmo tendo um centro de treinamento de elite para as equipes masculinas, e muitas jogadoras treinam em gramados de má qualidade. Nos Estados Unidos, no entanto, o cenário é bem diferente. Com uma estrutura de alto nível e organizada, as jogadoras têm à disposição centros de treinamento de alta qualidade, equipes técnicas completas e acompanhamento médico constante.

A diferença de toda essa infraestrutura e investimento surpreendeu Laura: “A estrutura era completamente diferente de tudo o que eu já tinha visto aqui no Brasil. Campo e equipamentos de

qualidade, academia e fisioterapia repletas de materiais de primeira”. Laura ainda afirma que essa diferença é notável dentro de campo: “É um futebol muito mais físico e corrido. Os campeonatos são super competitivos, têm uma visibilidade grande. Eles fazem de tudo para os atletas jogarem no mais alto nível”.

### O Futuro do futebol feminino como agente transformador

Jogadores de futebol tiveram que enfrentar muitas dificuldades para chegar em um alto nível. Aline teve que vencer preconceitos para chegar onde chegou e ter a oportunidade de ter uma vida melhor, mas ainda muito diferente da que vivem os atletas masculinos do mesmo time que ela. Laura teve a oportunidade de viver um cenário completamente diferente, sentir por alguns anos como é jogar onde o futebol masculino e feminino têm a mesma visibilidade e o mesmo investimento. Hoje, trabalhando no Brasil, ela sonha em voltar para os Estados Unidos, realizar um mestrado na área e viver de futebol feminino por lá, porque sabe que no Brasil as coisas são muito diferentes.



# EM CAMPO E NO JOGO: quais são as táticas do Futebol Amador em Belo Horizonte?

*Futebol de várzea em Belo Horizonte conquista espaço no cenário esportivo e cresce significativamente nos últimos anos*

Beatriz Pena . 3ºp  
Danielly Andrade . 3ºp  
Gabriela Neves . 3ºp

O futebol amador em campos de várzea tem ganhado mais destaque e oportunidades midiáticas. Os principais espaços em que esta cultura se constrói são os campeonatos regionais. Em Minas, existem duas competições muito importantes: a Copa Itatiaia, promovida pela maior rádio do estado - a Rádio Itatiaia - e a Taça das Favelas, campeonato que acontece em diversos cantos do país e teve suas finais mineiras, nas modalidades masculina e feminina, transmitidas pela Globo Minas. A várzea é vista por muitas pessoas como "porta de entrada" para o futebol profissional. Em alguns casos, essa transição é muito promissora, como reforça a trajetória de Bruno Henrique. O meio campista e multicampeão pelo Flamengo é "cria" do Inconfidência Esporte Clube, em Belo Horizonte.

Surgido nas primeiras décadas do século passado, o futebol amador começou, em Belo Horizonte, nos terrenos baldios e áreas periféricas, acompanhando o crescimen-

to e a urbanização da cidade. Tornou-se uma importante forma de lazer e integração comunitária, com a formação de times em bairros e partidas que se tornaram eventos centrais na vida local. Na década de 80, a mídia local começou a destacar a importância cultural e social dessas competições, aumentando sua visibilidade. Atualmente, o futebol amador vem crescendo e conquistando espaço, apesar dos desafios que a modalidade encontra.

## História e tradição: início de tudo

O futebol de várzea enfrentou preconceitos, sendo inicialmente visto como "va-diagem" e até perseguido pela polícia. A história da modalidade começou no início do século XX como uma alternativa ao futebol oficial, praticado por grupos sociais menos favorecidos, principalmente negros descendentes de escravizados e imigrantes pobres nas várzeas dos rios Pinheiros e Tietê, em São Paulo. Na década de 1940, a expansão urbana e a espoliação ameaçaram a continuidade do futebol de várzea. Mesmo assim, continuou a ser um símbolo de resistência e iden-



Os campos de várzea espalhados pela cidade são espaços de convivência e lazer dentro das comunidades periféricas

tidade cultural, especialmente à medida que o futebol profissional se tornava mais comercializado e de difícil acesso, tanto para torcida quanto para os jogadores.

## Futebol amador: o amor por trás dos campos

A valorização da várzea resgata o futebol "raiz" e a cultura brasileira em torno do esporte. A recente elitização e afastamento das massas dos espaços de convivência no futebol profissional vem abrindo cada vez mais portas para o desenvolvimento do futebol amador no cenário brasileiro. Ir aos estádios, torcer por algo maior que si, gritar por um time, são atividades que refletem o senso de comunidade que o futebol, e o esporte em geral, carregam. Na várzea, o sentimento não é diferente. "Eu faço camisa, faço surpresa, acho muito lindo e importante o papel da comunidade. Acredito que isso muda o jogo", comenta Thawine Vieira, torcedora do Santa Lúcia e irmã de Tatá, que joga no mesmo time. A torcedora ainda comenta que organiza caravanas para ver o time jogar, além de levar as baterias da escola de samba da sua família.

Aquele "campinho de bairro" é fonte de lazer e palco de sonhos para crianças, jovens e adultos que um dia viram na televisão o glamour da fama e o desejo de contribuir para a cultura do futebol no país. Fora os que sonham, existem aqueles que vivem o futebol de várzea: dentistas, pedreiros e profissionais de diversas outras áreas atuam dentro do campo, seja para complementar a renda ou viver

apenas daquela provida pelos campos de terra. O futebol de várzea deixou de ser um passatempo dos trabalhadores e se tornou uma carreira. Há quem prefira, inclusive, viver de futebol amador, seja pela paixão ao esporte ou por vantagens financeiras, que vem crescendo. "No meu caso, por exemplo, larguei o futebol profissional para jogar o amador. Financeiramente, tem gente que nem trabalha, vive do futebol de várzea. Trabalha cuidando do corpo, treinando fisicamente", conta Cicinho Love, atual artilheiro e campeão do Campeonato Mineiro Amador pelo Palmeirinhas, de Nova Lima.

## Desafios e futuro da modalidade no cenário midiático

"Não é como o profissional, mas o futebol amador está recebendo bastante mídia. O crescimento é assustador. Eu acho muito bacana, mas é claro que pode melhorar", comenta Cicinho Love. Ainda segundo o atleta, o crescimento e a valorização midiática e financeira da modalidade vem construindo uma imagem mais sólida da cultura de várzea. Mas o espaço, embora maior, está aquém do que se espera.

Algumas aparições em manchetes, notas na TV ou mídias alternativas em redes sociais são as saídas da modalidade para atrair os olhares do público. Para se manter, como qualquer ramo, os desafios da várzea esbarram no campo financeiro e estrutural, a falta de investimento é um obstáculo para o futebol amador. Sem recursos financeiros adequados,

muitas equipes enfrentam dificuldades para cobrir custos essenciais, como a compra de uniformes, equipamentos, transporte para os jogadores e taxas de inscrição em campeonatos. Além disso, a escassez de investimentos limita a capacidade de oferecer uma infraestrutura adequada para treinamentos e partidas, comprometendo a qualidade da prática esportiva. A modalidade exige um aporte maior a cada ano, principalmente pelas propostas de salário dos jogadores. Por muitas vezes, o futebol amador sobrevive a partir da mobilização da comunidade ao seu redor, que se reúne para fazer vaquinhas e arrecadações constantes para proporcionar recursos aos times. As instituições recorrem também a venda de materiais personalizados, camisas, bonés, chinélos, o que mais uma vez

O Campeonato Mineiro de Futebol Amador é uma competição promovida pela Federação Mineira de Futebol (FMF), por meio do Setor de Futebol Amador da Capital (SFAC) e do Setor de Futebol Amador do Interior, com o intuito de fortalecer o futebol amador nas comunidades locais e incentivar o desenvolvimento do esporte nas diferentes regiões de Minas Gerais.

conta com o envolvimento e engajamento da comunidade além do limite das quatro linhas do campo. A várzea cresce na capital e em toda região metropolitana, os desafios vão sendo driblados, como em um bom futebol, e o que sobra é a "resenha" e talento para viver nossa cultura.

## "A grande mídia e times profissionais enxergam o futebol amador de forma pejorativa [...]."

Grande parte da população da capital desconhece a expressão graças às representações desfavoráveis criadas pelos meios de comunicação hegemônicos. Suas narrativas são construídas a partir de uma simbólica sedimentada entre a exclusão e a inclusão precária, que domestica ou apaga o outro." - administrador da página Várzea BH, perfil que fermenta o futebol amador nas redes sociais.



GABRIELA NEVES

Muitas crianças buscam no futebol midiaticizado representatividade e identidade; o esporte é palco de oportunidades e sonhos



BEATRIZ PENA

Cicinho Love acredita que o campeonato Mineiro de Futebol Amador fortalece o futebol nas comunidades locais e incentiva o desenvolvimento do esporte nas diferentes regiões de Minas Gerais



BEATRIZ PENA

"Serei torcedor mesmo que a bola não entre, mesmo que o estádio se cale, mesmo que o manto desbote, mesmo que a vitória esteja longe"



# Exportação precoce de jovens talentos afeta o futebol brasileiro

*Pressão financeira e cultura das grandes transações no futebol brasileiro levam os jovens talentos a serem negociados cada vez mais cedo, o que levanta questões sobre o impacto no desenvolvimento dos atletas*

Guilherme Rodrigues . 3º p  
Luccas Almeida . 3º p

Nos anos de 2023 e 2024, o futebol brasileiro registrou as três maiores vendas da história, somando valor fixo e bônus, superando até os números de Neymar. O jovem Estevão, 17, do Palmeiras, foi negociado com o Chelsea por 61,5 milhões de euros. Vitor Roque, 19, foi vendido pelo Athletico Paranaense ao Barcelona por 61 milhões de euros. Endrick, 18, também do Palmeiras, aceitou proposta de 60 milhões de euros do Real Madrid quando ainda tinha 16 anos. Vários outros casos possuem grande repercussão no cenário nacional, principalmente a venda do atleta Savinho, em 2022, que jogava pelo Atlético Mineiro e foi negociado por 6,5 milhões de euros ao Troyes, com a possibilidade de receber mais 6 milhões em bonificações. Ele foi vendido, posteriormente, ao Manchester City, com um contrato que pode atingir cerca de 40 milhões de euros.

A exportação precoce de jovens atletas brasileiros é considerada prematura por grande parte dos amantes do futebol. Em uma parcela considerável da torcida, existe certa cobrança aos clubes do país sobre valores de vendas, oportunidades e de aportes financeiros na base.

Das três maiores vendas recentes de jovens atletas para o futebol internacional, apenas Endrick não passou pelas categorias de base de Atlético e Cruzeiro. Vitor Roque e Estevão passaram pela Raposa e Savinho jogou pelo Galo. A equipe celeste, por sua vez, não podia ter contrato

com Estevão, que saiu assim que completou 14 anos e poderia ter vínculo com o clube. Já Vitor Roque chegou a jogar pelo time principal do Cruzeiro, fazendo gols e sendo importante em um momento de reconstrução, após a queda para a série B do Campeonato Brasileiro, quando foi comprado pelo Athletico Paranaense por cerca de 30 milhões de reais. O valor é consideravelmente menor do que acordado na venda do jogador à Europa. Savinho, atacante formado na base do Atlético, teve um início de muitos elogios e algumas oportunidades no time profissional, na época comandado pelo técnico Jorge Sampaoli. O atleta passou por uma série de cobranças da torcida, que queria um rendimento melhor dentro de campo. Após esse período conturbado no clube, o jogador foi vendido ao Troyes, clube francês do Grupo City, e foi emprestado ao Girona, se destacando e sendo vendido ao Manchester City por uma quantia muito maior.

De acordo com donos, presidentes ou dirigentes de clubes, um dos fatores preponderantes para essas negociações são as altas cifras oferecidas e pagas para adquirir os talentos brasileiros. Esses valores são tratados como irrecusáveis tanto para a saúde financeira do clube quanto para o grande sonho dos atletas de ajudar suas famílias. Erasmo Damiani, gerente geral das categorias de base do Clube Atlético Mineiro e ex-coordenador da Seleção Olímpica, que foi medalha de ouro no Rio de Janeiro em 2016, ressalta: "Para muitos atletas é uma forma de dar uma condição melhor para sua família".

## A importância da base na formação dos talentos

O Brasil é um dos principais berços mundiais de jovens talentos do futebol e as categorias de base são primordiais para a formação de novos atletas e o fortalecimento dos clubes financeiramente. Erasmo Damiani revela que a função gerencial na base dentro das instituições tem um papel determinante: "É uma função que não é uma sobrecarga, mas você tem que estar sempre preparado. Lidamos com todo tipo de pessoa, desde funcionário, até pai de atleta e empresário. É sobre dividir o racional do emocional".

O dirigente afirma que a procura precoce pelos atletas tem a ver com o desejo dos clubes de que os jogadores se adaptem ao país. "A cultura e o estilo de vida que se espera na Europa são diferentes, e clubes europeus buscam esses jovens para que possam se adaptar ao ambiente o quanto antes". Já Leonardo Gimenez, jornalista e setorista do Cruzeiro na Rádio Itatiaia, percebe com tristeza a perda precoce de jovens talentos pelos clubes brasileiros, mas observa que esses movimentos podem ser vistos como naturais. Para ele, o poder de compra do mercado europeu, estadunidense e árabe consegue levar os melhores jogadores com facilidade e não há muita coisa que se possa fazer para que se consiga reter esses jogadores no país. Damiani concorda com Gimenez e detalha: "Isso envolve uma questão cultural em que, muitas vezes, o dinheiro fala mais alto que o desenvolvimento do atleta".



Atletas de base do Atlético Mineiro em atividade durante treinamento no CT em Vespasiano

Integrante da comissão técnica de base do Atlético Mineiro presta cuidados à atleta durante treinamento.

## O preço da desconexão com a torcida brasileira

Uma das muitas consequências da exportação precoce é a perda de identidade entre torcida e Seleção. Em grande parte dos jogos, a Seleção Canarinho é composta por jogadores que atuam fora do país desde muito novos e, para Gimenez, o fato desses jovens talentos deixarem o Brasil muito cedo contribui para uma desconexão entre os torcedores e o time: "Essa internacionalização precoce afasta o torcedor, que perde a chance de ver seus ídolos atuando no futebol nacional". Ele ainda reforça que os jovens jogadores que deixam o Brasil fazem uma escolha entre ficar e se tornar um ídolo no país ou sair e conseguir mudar de vida.



Integrante da comissão técnica de base do Atlético Mineiro presta cuidados à atleta durante treinamento.

O jornalista reafirma que os atletas que não se consolidam no exterior não descartam a possibilidade e voltam pro mercado nacional: "Aqueles que não conseguem se adaptar fora do país acabam retornando ao Brasil em busca de dar certa estabilidade a suas carreiras".

## "A base é o alicerce": o papel da formação no futebol brasileiro

Todo esse cenário faz com que seja comum o outro lado da jogada: atletas de quem se esperava grande potencial inicialmente, acabam tendo um desenrolar oposto em suas carreiras por uma série de fatores, sejam eles por má administração pessoal, de staff ou do próprio clube. Erros comuns das direções incluem o "timing" para vendas, gestão de crises e coesão ao lançar novos jogadores, tendo em vista também a necessidade de um entorno bem ajustado.

Como salienta Damiani: "Não é só o clube, o atleta fica três horas aqui dentro do clube e as outras com outras pessoas. O entorno dele precisa estar em alinhamento com o clube".

O futebol brasileiro se vê desafiado pela perda precoce de suas promessas. Para muitos dirigentes e especialistas, uma forma de evitar isso é o investimento nas categorias de base. Damiani defende que esse fortalecimento passe, também, pela educação integral: "A base é o alicerce do clube e do futebol nacional. Aqui, não estamos apenas desenvolvendo futuros jogadores, mas moldando pessoas e construindo a identidade do clube".



Escaneie o QR Code e assista a entrevista com Erasmo Damiani.



À esquerda, Endrick, do Palmeiras, que se transferiu para o Real Madrid por R\$ 409 milhões. Ao lado, Vitor Roque, vendido pelo Athletico-PR ao Barcelona por R\$ 213 milhões. Na sequência, Estevão, também do Palmeiras, vendido ao Chelsea por R\$ 358 milhões. À direita, Savinho, do Atlético-MG, transferido para o Troyes, da França, por R\$ 33,5 milhões. Essas cifras destacam a crescente valorização e exportação de promessas do futebol



# TURISMO NAS ALTURAS: sul de Minas atrai turistas em busca de esportes radicais

*Pico do Gavião recebe anualmente campeonatos de voo livre*

VAGNER MORAIS JR E HENRIQUE MORAIS



Turistas assistem a começo do voo de atletas no Pico do Gavião, em Andradadas, MG

Kauan Henrique . 3ºp

O voo livre, que inclui modalidades como o parapente e a asa delta, ganha espaço e atrai turistas para o interior de Minas Gerais. Embora ainda seja pouco conhecido pelo público em geral, o esporte tem se desenvolvido significativamente nos últimos anos. Um exemplo é Andradadas, localizada a 482km de Belo Horizonte, e que sediou o Campeonato Panamericano de Voo Livre em setembro. O evento reuniu atletas

de mais de 15 países, atraiu grande número de turistas e gerou impacto positivo na economia local. Andradadas abriga o Pico do Gavião, considerado um dos melhores pontos de voo livre do mundo, com infraestrutura que permite a visitantes e atletas aproveitarem ao máximo as belezas naturais da região.

Para a turista Elaine de Souza Faria, moradora de São José dos Campos, o turismo de voo livre é uma experiência que une aventura e belas paisagens. Ela e o marido costumam buscar locais com vis-

tas panorâmicas, e o Pico do Gavião despertou interesse. "A gente busca lugares altos, com vistas bonitas. Sempre que é acessível e temos a possibilidade, procuramos esses lugares com rampas de salto. Já conhecíamos Poços de Caldas, então desta vez aproveitamos para conhecer o Pico, em Andradadas", relata.

A prática do voo livre desempenha um papel importante no desenvolvimento do turismo em Minas Gerais, aproveitando o relevo montanhoso do estado. Para Carlos Henrique Motta, piloto de

parapente, o esporte radical promove o turismo e inspira novos praticantes. "Ao praticar esse esporte, o turismo na cidade aumenta. Pousadas e hotéis ficam lotados durante os campeonatos aqui em Andradadas, e os restaurantes e outros comércios também veem um aumento no movimento", afirma Motta.

Além da aventura nas alturas, os pilotos promovem a conscientização sobre a importância da preservação ambiental. Fabio Luís Burguez, vice-presidente do Pico do Gavião, destaca que o voo livre é inseparável da natureza e incentiva o turismo sustentável. "O piloto de parapente é sempre um defensor

da natureza e a respeita. Também conscientiza as pessoas que moram por perto sobre a importância de preservar essas áreas. Muitas cidades foram transformadas pelo voo livre e hoje têm o turismo como principal fonte de renda", explica.

Serviço: O Pico do Gavião está aberto para visitação de segunda a domingo, das 9h às 18h. O ingresso custa R\$ 15. De acordo com o site Visite Minas Gerais ([www.minasgerais.com.br](http://www.minasgerais.com.br)) localizado na Serra do Caracol, o Pico do Gavião é marco divisório dos estados de Minas e São Paulo. Sua altitude máxima é de 1663 metros acima do nível do mar e 722 metros acima do

nível da cidade. No local, se encontra o marco geodésico do IBGE. A fauna característica da região se resume em animais de pequeno porte do Pico do Gavião, é possível avistar inúmeras cidades da região. O pico figura no cenário internacional como um dos melhores pontos de decolagem para a prática do voo livre. Outra curiosidade, refere-se ao desenho formado da estrada que dá acesso ao local. Coincidentemente, se vista do alto, assemelha-se a um gavião. Os interessados também podem acessar o site do Pico para mais informações sobre visitas, campeonatos e voos, por meio do [www.picodogaviao.esp.br](http://www.picodogaviao.esp.br).

VAGNER MORAIS JR E HENRIQUE MORAIS



Turistas observam o voo de atletas no Pico do Gavião



Torcida americana faz "Rua de fogo" antes de partida contra o Goiás, pela série B do Brasileiro

Arthur Sales . 2ºp  
Felipe Magalhães . 2ºp  
Gabriel Lellis . 2ºp  
Rafael Fiorini . 3ºp

As torcidas não são apenas espectadoras: são protagonistas de uma narrativa que envolve pertencimento, celebração e resistência. Além das arquibancadas dos estádios, como o icônico Mineirão e o Independência, a cultura das torcidas se expressa nas ruas, nos bairros e nas redes sociais, moldando comportamentos e símbolos que vão desde cânticos até festas e atos de solidariedade. Belo

Horizonte é uma cidade onde o futebol transcende os gramados e se transforma em um fenômeno cultural, mantendo a alma esportiva da capital mineira viva e pulsante.

Guilherme Rios, mais conhecido como "Saci", é membro da torcida organizada Barra Una, do América, e comenta como é esse envolvimento do torcedor e como começou essa paixão pelo time: "É um amor hereditário. Meu pai era americano e me ensinou a paixão de ser [torcedor do América], mas absorvi de uma maneira diferente porque levo isso como um propósito de vida meu. Vocês viram

a rua de fogo, vários eventos e ações sociais. É a vida de torcida, né". Saci também fala da dificuldade de renovação da torcida do América e lembra que os rivais ganharam relevância no futebol, na época em que o Coelho estagnou. Ele ainda reclama da pouca visibilidade do clube na mídia: "Tem uma galera que boicota o América. A gente traz uma molecada pro jogo, só que, quando chega em casa, o cara só tem TV aberta e nenhum programa falando sobre o América. A mídia não apoia a torcida".

Stephanie Oliveira é vice-presidente do Movimento 105,

torcida organizada do Atlético -MG. Ela reforça a importância de uma representação feminina em um cargo de importância de uma torcida organizada: "Fui em um evento de lançamento de uma camisa do Galo, e eu era a única mulher representando uma organizada em todo evento, só tinha homens [...] não tinha abertura pras meninas num cargo de torcida organizada, então comecei a cobrar muito nos grupos para que, nas atividades das torcidas, tivessem sempre representantes mulheres".

A torcedora também enaltece a relação que tem com

seu filho e seu time do coração. "O Raul, com 1 ano e 4 meses, já foi a 54 jogos do Atlético. Fui grávida em todos os jogos do time em 2022, fui às caravanas quando estava grávida. Então o Raul nasceu no estádio. Quando ele nasceu, o primeiro lugar que o levei foi no centro de experiência da Arena MRV para mostrá-lo que ali é a segunda casa dele. E hoje até brinco que lá já parece a primeira casa dele, pois ele sempre adora estar lá. Ele se diverte no estádio."

O estudante Arthur Tadeu é membro da Torcida Fanática -Cruz (TFC), do Cruzeiro. Ele falou sobre a sensação de po-

der ir ao jogo com sua família dentro de uma organizada: "É uma sensação única. Eu estava procurando pelo meu tio e minha afilhada pelas arquibancadas, só que teve um momento que já tinha desistido de achá-los, quando escuto minha afilhada gritando meu nome e correndo pra me abraçar. Aquele momento foi emocionante, porque a primeira blusa do cruzeiro que ela teve eu dei a ela, e a gente na família já imagina que ela seja a próxima geração, pois meu tio também é cruzeirense e, por isso, não queria deixar de registrar a primeira vez dela no estádio".

## Muito Além das Arquibancadas: a cultura das torcidas de futebol em Belo Horizonte

*Mais do que paixão esportiva, a devoção às cores de Atlético, Cruzeiro e América revela traços identitários que influenciam o cotidiano dos torcedores, mobilizam tradições e alimentam rivalidades históricas*



# “EFEITO OZEMPIC”: a busca pelo corpo perfeito que ameaça a saúde de internautas

Uso de medicamentos que inibem o apetite tem se tornado uma febre e aponta para a “ditadura da magreza” imposta pela indústria da moda

Maria Fernanda Navarro . 3ºp

O Ozempic é um medicamento para diabetes tipo 2, à base da semaglutida, que atua na perda de apetite. Ele tem se tornado cada vez mais popular por propiciar a perda de peso. O termo “efeito Ozempic” já faz parte do imaginário popular contemporâneo. Mas os riscos do medicamento e os efeitos psicológicos que ele pode causar também abrem debates sobre uma espécie de “ditadura da magreza”, imposta pela indústria da moda.

O medicamento tem um custo elevado - quase um salário mínimo no Brasil - e não é acessível a todos. Porém, segundo a Goldman Sachs, até 2028, até 70 milhões de con-

sumidores em todo mundo devem fazer o uso dele com a queda de patentes e preços mais acessíveis.

De acordo com a endocrinologista Ângela Sacramento, o uso inadequado do Ozempic pode levar à perda de massa muscular, promovendo a perda de peso, mas gerando consequências negativas para a saúde. Isso ocorre porque o medicamento reduz o apetite, fazendo com que o paciente perca nutrientes e proteínas essenciais para o bom funcionamento do corpo, resultando em um déficit de massa muscular. A médica alerta que esse quadro pode desacelerar o metabolismo, aumentar o risco de lesões e causar fadiga constante, dificultando a realização das atividades diárias. Além disso, a perda de

massa muscular está associada a um maior risco de desenvolvimento de doenças crônicas, como diabetes tipo 2, doenças cardíacas e osteoporose.

O constante bombardeamento de conteúdos que as pessoas consomem todos os dias na internet faz com que o desejo do “corpo perfeito” seja um objetivo de vida, e essa pressão pode causar transtornos alimentares. A psicóloga Sofia Haikal explica que os perfis psicológicos de maior vulnerabilidade estão mais propensos a seguir essas medidas. A análise de cada indivíduo deve ser feita, mas de maneira geral, o excesso de comparação construído nas redes sociais, por discurso de influenciadores e da própria população, pode estimular o quadro de transtornos ali-

mentares. Os ideais de magreza se tornam os sentidos na vida dessas pessoas, influenciadas pela mídia que impõe um padrão de corpo a ser seguido.

## Moda: a magreza como padrão

Ao longo da história, as roupas sempre comunicaram identidade, status e valores de uma sociedade. Na Belle Époque, os corsets eram usados para criar o corpo ampulheta com cinturas finas. Já na década de 1960, influenciados pelo cinema, muitos artistas de Hollywood aderiram à ditadura da magreza, que se intensificou até se tornar uma preocupação global no início dos anos 2000. Imagens de modelos excessivamente magras nas passarelas alimentaram o desejo de alcançar o



A insatisfação pelo corpo cresce junto com a busca por Ozempic e medicamentos similares

inalcançável “size 0”. Nos anos seguintes, o movimento body positive trouxe uma mensagem de inclusão para todos os corpos, mas, vinte anos depois, o culto à magreza voltou a ganhar força.

Um relatório da Vogue Business relatou uma queda brusca nas modelos plus size nas marcas europeias na última temporada. Parece que o “efeito Ozempic” está reinando nas grandes marcas e fazendo-as concentrar-se mais na fabricação de roupas para corpos magros.

O “efeito Ozempic” tam-

bém pode ser brutal na indústria da beleza, à medida que preenchimentos e lifting vão substituir o foco total no anti-envelhecimento e longevidade. Essas práticas emergem como uma proposta para reverter o agora famoso rosto Ozempic, que aparece cada vez mais na mídia.

O uso de Ozempic ou de outros inibidores de apetite deve ser feito somente por indicação médica. Por ser um medicamento de uso recente, estudos ainda vão apontar mais efeitos a longo prazo. A cautela é fundamental.



Aparelho realiza uma massagem no braço e ajuda a diminuir a dor. Nossa repórter testou e aprovou as diferentes técnicas da clínica Vaccine

Leticia Nogueira . 3ºp  
Yasmin Pugoni . 3ºp

Desde 2012 o Brasil acendeu o alerta quanto aos índices de vacinação da sua população: a taxa geral ficou abaixo de 90%, índice considerado o ideal pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 2016, o país atingiu somente 50,4%, ficando 40% abaixo do esperado.

Diante de tal cenário, clínicas de vacinação vêm buscando novas alternativas para atrair o público e aumentar a adesão às campanhas vacinais. A Vaccine é uma dessas clínicas espalhadas pelo Brasil.

Entre as inovações, o espaço conta com diversos ambientes diferentes: uma sala clean, um grande grupo de enfermeiras à disposição e procedimentos que podem diminuir a dor e desconforto em até 60%.

De acordo com o gerente da clínica, Leonardo, as inovações não são recentes, afinal a clínica investe em técnicas e ambientes modernos desde 2002. O objetivo é proporcionar um ambiente mais acolhedor: “Queremos garantir que as pessoas saiam daqui sem traumas”. Para isso, foram adotadas medidas como salas temáticas, jalecos de co-

## Clínicas de vacinação investem em inovações para atrair público

Em meio às quedas das taxas de vacinação, novidades atraem o público e incentivam a vacinação com novas abordagens

res diferentes e a criação de espaços lúdicos para crianças, como o “Carrossel”, brinquedo que ajuda a reduzir o estresse antes e depois da aplicação da vacina.

Clínicas como a Vaccine estão encontrando cada vez mais espaço no mercado, afinal, até os cinco anos de idade, crianças nascidas no Brasil devem tomar 19 vacinas, de acordo com o Calendário Básico de Vacinação da Criança, estipulado pelo PNI (Programa Nacional de Imunizações).

### Recuo das taxas de vacinação acende importante alerta

O Brasil foi pioneiro, em 1973, com a integração do Programa Nacional de Vacinação (PNI), introduzido pelo Ministério da Saúde. Atualmente, o Sistema Único de Saúde tra-

balha com 48 imunobiológicos, distribuídos gratuitamente para toda a população. Apesar de feitos extraordinários, como a vacinação de 15 milhões de crianças em um único dia, as taxas de vacinação vêm despencando nos últimos dez anos, de acordo com o Instituto Butantan.

As raízes desse problema são diversas, porém, a mais importante a ser abordada é a disseminação de desinformação no meio vacinal. Com a baixa do índice de crianças imunizadas, doenças que foram erradicadas no território nacional correm sério risco de voltar. O público mais afetado por essas táticas antivacina é o infantil. O não seguimento do calendário de vacinação pode expor uma criança a doenças como o sarampo, varíola ou poliomielite.

### Desinformação que avança

A partir da pandemia da COVID-19, iniciada em 2020, o Brasil e o mundo sofreram com uma explosão de desinformação acerca das vacinas destinadas ao combate da COVID-19. De acordo com a jornalista e especialista em Comunicação em Saúde, Natália Cacia, em entrevista à Fiocruz, a disseminação da desinformação foi o principal motivo para que as Secretá-

rias de Saúde investissem em campanhas de conscientização para a sociedade, com os selos de “fake news” em notícias falsas e postagens voltadas ao incentivo da vacinação. A estratégia de humanização do atendimento e diversificação do ambiente, aliada ao combate à desinformação, são exploradas tanto pelo setor privado quanto pelo público. Clínicas, como a Vaccine, e as Secretarias Públicas de Saúde buscam, por meio das estratégias promovidas, melhorar a percepção pública e incentivar uma maior adesão às vacinas para que o Brasil continue sendo referência na cobertura vacinal – posto ameaçado pelas quedas estatísticas recentes.



Brinquedos para atrair público infantil em clínicas de vacinação



# O trabalho das doulas como ponte para o protagonismo feminino

*Profissionais contribuem para a reumanização do processo de gestação, parto e puerpério no Brasil*

Alenildes Bicalho 3º p  
Oade Ferreira 3º p  
Tiago Pena 3º p

Doulas são profissionais cuja responsabilidade é acompanhar a gestante durante o período da gravidez e parto, abordando tópicos que vão desde o funcionamento do corpo feminino até a amamentação. Além disso, muitas das vezes desempenham o papel de apoiar, encorajar e oferecer suporte emocional às mães nesses momentos.

A imagem da doula pode ser muito associada ao parto normal e natural. Isso acontece pois, ao ensinarem às mães sobre todos os processos de um parto, é também ensinado que o corpo da mulher sabe parir, buscando conscientizá-las quanto à necessidade (ou falta dela) de um parto cesáreo. A conscientização sobre esse tema é de extrema relevância, pois em 2022, no Brasil, a taxa de cesarianas chegou a cerca de 59,7% dos partos totais, considerando que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o ideal para um país

saudável seria que apenas 15% dos nascimentos ocorressem por via não-natural.

Ana Rocha, doula desde 2022, explica: "Eu acho que não há protagonismo se você não sabe o que está acontecendo com você, com seu corpo, no ambiente de parto e nascimento. Então, para mim, a principal ferramenta do protagonismo da mulher é ela estar bem informada". Ela defende ainda, que a mulher que tem conhecimento sobre si e sobre a anatomia feminina tem melhores condições de exercer seus direitos em todas as fases da gestação.

É importante lembrar que por muitos anos, as mulheres davam à luz em casa. Usualmente, suas mães e outras figuras femininas da comunidade ofereciam o suporte necessário, por meio do auxílio nas tarefas domésticas, ajudavam com chás, banhos e na alimentação da mãe. Havia também as parteiras, que desempenhavam o papel que hoje é da enfermeira obstétrica: realizar o parto. E a união dessas mulheres proporcionava um parto com mais conforto, segurança, visando sempre o bem estar da mãe. As-



Em reunião online, Angélica tira dúvidas com doula Ana Rocha sobre amamentação

sim, é possível perceber que esse momento tão importante era cercado de mãos femininas e durante o parto, apenas mulheres tinham autorização para auxiliar, evitando que a mãe se sentisse constrangida por diversas razões.

Com o tempo, o acesso às maternidades se tornou mais amplo. As gestantes passaram a ter acesso aos pré-natais e ao cuidado médico necessário, tanto para elas quanto para as crianças. No entanto, com essa mudança, as mulheres passaram a vivenciar os partos de uma maneira diferente. Com o local de parto sendo os hospitais, o procedimento passou a ser realizado por médicos e enfermeiras, muitas das vezes pessoas que não conheciam a gestante, sua situação ou suas especificidades. Se a prioridade da equipe médica é assegurar a vida da criança e da gestante, é também verdade que o modo como a mãe se sente, tendo ao seu lado alguém que a traz segurança, pode fazer a diferença em todo o processo, garantindo que ela se sinta amparada.

A professora e enfermei-

ra Edna Wingester aponta a relevância das doulas para suprir uma necessidade que os médicos e enfermeiros não conseguem: "Porque o profissional que tá ali, o médico, o enfermeiro, ele não dá conta disso. A gente tá ali ocupado com o processo técnico do trabalho de parto, e às vezes a gente não dá atenção emocional pra essa mãe, não dá o suporte pra ela suportar o trabalho de parto. E a doula entra. É um profissional que tem treinamento pra isso [...] e elas estão ali pra dar esse apoio. De escutar essa mulher, de entender as dores dela e fazer ela se sentir segura no parto que ela escolheu."

Ana Rocha defende que a mãe que procura informações e entende como funciona o corpo da mulher na gestação, principalmente no momento do parto, está mais preparada para exercer seu papel de protagonista. A doula também pontua que a mulher que se sente amparada nesse momento vê o processo como algo positivo e bonito, apesar da dor e dos desafios que a gestação carrega. Nesse sentido, as doulas contri-

buem trazendo informação, apoio e segurança, fazendo com que o momento de gerar uma vida não seja vivido de forma solitária, repleta de dúvidas e simplesmente seguindo etapas sem entender os motivos por trás delas. Ao contrário, torna-se uma experiência bela, singular e lembrada com carinho e orgulho.

Embora seja um serviço quase essencial para o bem-estar das gestantes, o amparo oferecido pelas doulas ainda pode ser considerado um luxo. O SUS oferece, em algumas maternidades de Belo Horizonte, o apoio de doulas durante o parto, porém as gestantes ficam à mercê da disponibilidade do hospital e dos plantões. Além disso, esse suporte é limitado ao momento do parto. Para obter um acompanhamento constante, durante toda a gestação e pós-parto, é necessário contratar uma doula particular, o que não é um serviço acessível para grande parte das mulheres brasileiras. "Eu acho que, se fosse algo mais acessível, não só na questão financeira, mas também no serviço a ser disponibilizado, como ocorre

no hospital Sofia (Feldman), por exemplo, faria total diferença. Acho que, se fosse mais amplo, essa atenção à gestante, e não simplesmente fazer ali o pré-natal mas ter uma doula para orientar além disso, faria toda a diferença", reflete Angélica Ribeiro, que está na reta final de sua gestação e realiza acompanhamento com uma doula particular.

O protagonismo feminino durante o parto diz muito sobre o posicionamento das mulheres em favor de sua saúde e bem estar, também sobre conhecimento. É possível fazer boas escolhas quando se tem conhecimento e uma visão holística sobre a situação, incluindo riscos e consequências. O trabalho das doulas vem ajudar nesse sentido de informar, acolher, orientar e, esclarecer a mulher na fase gestacional que envolve muitos dilemas, incertezas hormonais, pressão social e outros tantos fatores. Dessa forma, as mulheres têm retomado seu lugar de protagonista quando se trata do parto, papel esse que, desde o início, deveria ser sobre elas.



Angélica realiza exercícios com orientações de sua doula

OAD FERREIRA



# Como adaptar nossas casas para as mudanças climáticas extremas?

**A maioria das moradias no Brasil não foi projetada para lidar com eventos climáticos extremos, e os impactos dessas mudanças são cada vez mais evidentes**

Luana Renó . 4ºp

O ano de 2024 está a caminho de se tornar o mais quente já registrado na história do planeta. A combinação do impacto das atividades humanas sobre o meio ambiente e o fenômeno El Niño, que aquece as águas do Oceano Pacífico, são fatores decisivos para que esse recorde global de temperatura seja superado, de acordo com o Observatório do Clima da União Europeia.

As consequências do aquecimento já são sentidas em todos os aspectos da vida, incluindo em nossas próprias casas.

As mudanças climáticas estão cada vez mais presentes no cotidiano dos brasileiros. No dia 30 de setembro, te-

ve início a oitava onda de calor de 2024, segundo o site Climatempo, caracterizada por temperaturas acima da média, baixa qualidade do ar e novos focos de incêndio.

Esse fenômeno é influenciado pela movimentação das massas de ar e agravado pela emissão de gases de efeito estufa, principalmente resultantes da queima de combustíveis fósseis. De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a tendência é que esses alertas se tornem mais frequentes e severos caso não haja uma mudança significativa na forma de explorar os recursos naturais.

De acordo com Rosana Parisi, professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da

PUC Minas Poços de Caldas, uma das maiores ameaças das ondas de calor é o aumento significativo da temperatura dentro das residências. Ela explica que muitos dos materiais utilizados na construção das casas, frequentemente industrializados, não são adequados para enfrentar essas condições extremas, pois não conseguem absorver ou equilibrar a temperatura entre o ambiente externo e o interno. "O grande risco é a pessoa se sentir mal dentro da própria casa, pois muitas residências têm poucas áreas de ventilação, e os próprios materiais de construção acabam irradiando calor para o interior" alerta.

Ainda segundo Parisi, pa-



A troca de materiais industrializados por materiais naturais pode garantir conforto térmico e sustentabilidade nas edificações

ra evitar o aumento da temperatura no interior das construções, é ideal manter os ambientes sombreados e bem ventilados, deixando janelas e portas abertas o máximo de tempo possível para favorecer a circulação de ar. Outra medida eficaz para combater clima abafado e proteger a saúde é utilizar vaporizador durante a noite, o que ajuda a umidificar o ar e prevenir problemas respiratórios.

Em contrapartida, as ondas de frio, embora cada vez mais raras, trazem o desafio oposto.

Massas de ar frio desloca-

das dos polos e oceanos atingem as construções, fazendo com que a temperatura caia abruptamente. "Os materiais industrializados não conseguem regular a temperatura diante dessas mudanças bruscas; se o clima esfria depressa, o material também esfria rapidamente, tornando os ambientes internos desconfortáveis. Uma solução a longo prazo seria utilizar materiais mais naturais, que ajudem a equilibrar a temperatura, ou seja, quando estiver frio, as casas ajudariam a conservar o calor, e quando estivesse quente, impediriam que o ca-

lor entrasse", explica.

Revestimentos térmicos naturais, como estruturas de argila, bambu, cortiça e palha, são alternativas sustentáveis que possuem propriedades isolantes, ajudando a manter a temperatura interna estável. Outra maneira eficaz de evitar a rápida variação de temperatura é o uso de tintas formuladas com ingredientes naturais, que refletem a radiação solar. Aplicadas em telhados e paredes externas, essas tintas contribuem para reduzir o aquecimento interno, melhorando o conforto térmico das construções.



Produtos a base de plantas, sementes e oleaginosas são parte da rotina alimentar de pessoas veganas

Biby Franco . 3ºp

A comida é um reflexo de cultura, classe social, realidade financeira, memórias e afeto.

Entre as escolhas alimentares existentes, o veganismo tem ganhado cada vez mais destaque. O vegetarianismo estrito, de acordo com a Sociedade Vegetariana Brasileira, caracte-

## Veganismo enriquece experiências gastronômicas

**Culinária vegana atrai pessoas em virtude de propósitos sociais e alimentação inclusiva**

teriza-se por uma alimentação que não inclui nenhum produto de origem animal, apenas alimentos de origem vegetal, como frutas, legumes, grãos, sementes e oleaginosas. O veganismo, por sua vez, vai além e não admite qualquer tipo de produto ou insumo de origem animal.

Nina Forlin é vegana há um ano, mas não consome carne desde os dez anos. "Parei de consumir quando percebi que carnes eram bichinhos. Esse mercado de carne e laticínios não faz sentido para a minha ideologia de vida", conta. Antes de se identificar como vegana, Nina, que passou um período como vegetariana, havia tentado adaptar-se ao veganismo, mas encontrou dificuldade em abandonar os derivados, como o pão de queijo tradicional. "Descobri que sou intolerante à lactose e pensei

que seria um bom momento para voltar a ser vegana", comenta.

A inclusão de opções veganas nos cardápios se tornou uma necessidade para atender ao mercado atual. Uma pousada especializada em comidas veganas, localizada em Águas da Prata, no interior de São Paulo, vem se consolidando como uma hospedaria que oferece uma experiência gastronômica à base de plantas e produtos naturais. "Acreditamos que o impacto social causado pela pousada seja grande. Muitas pessoas nos visitam, e várias delas não são veganas. Pela curiosidade, acabam vendo que é possível (o veganismo). Temos muitos clientes que se tornaram veganos após virem aqui, então isso é muito gratificante para a gente. Muitas mães que têm filhos alérgicos

a ovo e leite encontram aqui um espaço onde podem ficar tranquilas, descansando, sabendo que o filho pode comer tudo", conta Elenís Palladini Rhormens, proprietária da pousada.

Naila Diniz de Castro, é comerciante e oferece produtos veganos com diversidade no empório que administra. Além disso, o local trabalha com uma cozinha sazonal e possui um cardápio variado e inclusivo, que atende a todas as restrições alimentares. "Para nós não houve dificuldades, pois já trabalhávamos com esse tipo de produto de origem vegetal. Bastou fazer a substituição de ingredientes tradicionais. Decidi incorporar ao nosso cardápio porque, para mim, não faz sentido trabalhar com alimento sem incluir todos. Comer é um momento de comparti-

lhar, então pensamos no cardápio para que todos pudessem compartilhar momentos e refeições sem serem excluídos por suas preferências e restrições", afirma.

O mercado alimentício busca incluir todo tipo de alimentação restritiva, seja por opção ou necessidade, para tornar os momentos de refeição mais acessíveis e compartilháveis. "Hoje em dia, a maior parte dos restaurantes têm opções veganas. A acessibilidade melhorou muito. Para conseguir tornar a alimentação vegana mais acessível, é necessário aumentar o consumo, porque, quando há mais pessoas consumindo, o alimento tende a baratear. E é preciso trazer mais conhecimento para a sociedade de que é possível fazer comidas boas e baratas sendo veganas", ressalta Nina.



Sementes e castanhas







# HAT-TRICK DA PUC MINAS NO PRÊMIO CDL

Pelo terceiro ano seguido, Marco e Colab levam os três primeiros lugares na categoria Jornalismo Universitário



1º lugar

Com a reportagem "Ô trêm bão e arretado: o Nordeste cria vida em BH", Isabella Gouveia, Davison Henrique, Flávia Madureira, Giovanna Minarrini e Virgínia Muniz foram os campeões



2º lugar

Com a reportagem "Dona de mim: fundo apoia empreendedorismo feminino em MG", Janaina da Silva Veloso recebeu o troféu pelo 2º lugar



3º lugar

Com a reportagem "Centro de Belo Horizonte: mudanças geram controvérsias sobre o futuro da região", Lorena Marcelino (centro) e Ísis Grazielle ficaram em terceiro lugar

## Mulheres na Ciência e Divulgação Científica

Em entrevista, Lúcia Lamounier apresenta seu projeto *Elas na Ciência* e discorre sobre a participação feminina nas pesquisas

Larissa Gino . 49p

No dia 9 de novembro de 2024, o programa Olhar Crítico, que vai ao ar todos os sábados às 22h na TV Horizonte, teve como convidada a professora e pesquisadora Lúcia Lamounier Sena. O programa é um trabalho realizado pelo Centro de Crítica da Mídia e o Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, ambos da PUC Minas.

A entrevista foi conduzida pela jornalista, professora e pesquisadora Nara Scabin, pela estudante de Jornalismo, Larissa Gino, e também contou com a participação em vídeo de alguns alunos da Faculdade de Comunicação e Artes. A convidada Lúcia Lamounier possui graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestrado em Comunicação Social também pela UFMG e doutorado em Ciências Sociais pela PUC Minas. Ela é especialista em Comunicação Pública da Ciência pela UFMG e faz parte do grupo de pesquisa Mídia e Memória da PUC Minas. Atuou como assessora no comitê técnico científico do projeto Brumadinho UFMG, integra a comissão científica da Federação das APAEs e criou o projeto *Elas na Ciência*, que tem como objetivo dar visibilidade para as pesquisadoras da PUC Minas.

**O seu projeto *Elas na Ciência*, que você tem desenvolvido na PUC**

**Minas, tem um papel muito importante de fazer o registro, a valorização e a divulgação da produção do conhecimento científico feito pelas mulheres pesquisadoras. Gostaria que você contasse um pouquinho pra gente sobre ele.**

Então, esse projeto é fruto do meu trabalho de conclusão de curso na especialização em Comunicação Pública da Ciência, e também é fruto da experiência anterior que eu tive no Projeto Brumadinho. Uma das coisas que eu me interessei foi exatamente divulgar o papel das professoras que eram coordenadoras (em uma ciência sempre muito masculina), mas a gente também tinha desde alunas de iniciação científica até o nível pós-doc. Então, essa plataforma eu criei especificamente para divulgar as mulheres. Quando eu fui fazer esse trabalho de iniciação científica eu falei 'bem, eu trabalho na PUC e conheço muito pouco o trabalho das mulheres na instituição. Então, acho que vai ser uma ótima oportunidade para criar uma proposta que a gente possa dar visibilidade e também um espaço para questionamento do trabalho das mulheres na ciência'. E foi assim que nasceu o projeto, uma proposta mul-

timídia, mas que inicialmente era apenas um site. Nele nós fazemos um trabalho de entrevistas narrativas, em que essas professoras falam das suas trajetórias e explicam porque quiseram ser cientistas. Algumas contam que se tornaram pesquisadoras por incentivo dos pais, outras foi o contrário, o pai não queria que elas se tornassem cientistas. Acho que tem muito dessa história de como é que essas mulheres têm construído as suas trajetórias, os enfrentamentos de gênero, assédios e etc. Atualmente, nós temos o Instagram, que é uma mídia muito potente para a gente divulgar as entrevistas e outras coisas que circundam toda essa temática. Então, foi assim que nasceu.

**É interessante pensar sobre como as mulheres são silenciadas, principalmente as mulheres negras. Então, minha pergunta está**

**relacionada à questão da interseccionalidade e ao efeito "tesoura". Quais são as políticas de inclusão voltadas para mulheres negras na produção científica e nos cargos de liderança?**

É importante a gente explicar um pouco pra audiência, porque tem alguns termos difíceis e o meu papel é justamente a popularização da ciência. Vamos entender então esse conceito de interseccionalidade, né? Vamos imaginar a Avenida Afonso Pena, que começa lá na praça da rodoviária e sobe até a Bandeirantes. Essa avenida é cortada por uma série de ruas. Então, vamos entender as interseccionalidades como esses atravessamentos na trajetória de todos nós. Se a gente pensar nesses atravessamentos, ou no "efeito tesoura", quer dizer que na sua trajetória tem a tesourinha que vai cortando, não necessariamente por

uma questão de mérito. Esses atravessamentos são fruto daquilo que estrutura qualquer sociedade. O Brasil, por exemplo, é um país extremamente desigual e racista. Então, a gente tem todos os indicadores que vão demonstrar isso. Por exemplo, o que significam horas trabalhadas por semana com afazeres domésticos, já que, em média, os homens gastam 11 horas e as mulheres 21 horas com esses trabalhos. Quando a gente compara, por exemplo, mulheres negras e pardas e mulheres brancas, as mulheres pretas têm, em média, 22 horas de trabalho doméstico e as mulheres brancas 20 horas. (...) Então, isso significa a interseccionalidade, são os atravessamentos que os indivíduos são obrigados a lidar, que estão relacionados com o contexto social em que vivem. Eu acredito que a única forma da gente superar essas questões é com política pública, todas as políticas que podem, de alguma forma, contribuir para que as vítimas dos atravessamentos não sejam ainda mais penalizadas.

**Professora, no seu artigo "A mulher faz uma ciência diferente? Gênero, essencialidades e prática científica", você apresenta como destaque um dos eixos da sua pesquisa que**

**buscou observar a diferença entre homens e mulheres como uma essencialidade. Como você explica esse aspecto da essencialidade?**

Na minha pesquisa, eu sempre indago para as mulheres: "as mulheres fazem uma ciência diferente?" Eu tô encontrando dois elementos, aquelas mulheres que vão dizer que sim, as mulheres fazem uma ciência diferente, temos mais jogo de cintura no campo de pesquisa, enfim, negociamos, temos um olhar mais crítico e etc. Algumas vão dizer de uma dimensão da essencialidade e outras que vão dizer: olha, talvez nós façamos uma ciência diferente porque culturalmente estamos nesse lugar e temos que trabalhar mais, enfim, isso ainda está em aberto. Eu particularmente não acredito que as mulheres façam uma ciência diferente porque somos mulheres. Acho que qualquer pessoa faz uma ciência diferente levando em consideração seu objeto, maneira como se dedica, seu histórico de vida né, tudo isso.

A entrevista completa está no canal do Youtube: @OlharCrítico\_. Os programas também ficam disponíveis no Spotify, Deezer e Google Podcasts.

Siga o Olhar Crítico no Instagram: @\_olharcritico



Larissa Gino, Nara Scabin e Lúcia Lamounier



(31) 3319 4920

@jornalmarco

jornalmarcodrive@gmail.com

Acesse a nossa página no Instagram, onde você confere, em primeira mão, as novas edições do Jornal MARCO, pautas para produção e muita informação.